

TEIA DO SABER

Capacitação de Professores da Rede Pública

UNICAMP - Secretaria de Estado da Educação/SP



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO





REITOR
CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ

COORDENADOR GERAL DA UNIVERSIDADE
JOSÉ TADEU JORGE

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO UNIVERSITÁRIO
PAULO EDUARDO MOREIRA RODRIGUES DA SILVA

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
RUBENS MACIEL FILHO

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO
JOSÉ LUIZ BOLDRINI

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
DANIEL JOSEPH HOGAN

PRÓ-REITOR DE PESQUISA
FERNANDO FERREIRA COSTA

TEXTOS
RAQUEL DO CARMO SANTOS

REVISÃO
RENATO MIGUEL BASSO

FOTOS
ANTONIO JOSÉ SCARPINETTI

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS
ALEX CALIXTO DE MATOS

EDIÇÃO
ÁLVARO KASSAB

ORGANIZADORES

ROBERTO VILARTA
RAQUEL DO CARMO SANTOS
ANTONIO JOSÉ SCARPINETTI
ÁLVARO KASSAB

AGRADECIMENTOS

ANTONINHO PERRI, CÉSAR CAMARINHA, CLEBERSON ALVES DA SILVA, FERNANDA
APARECIDA BERNARDO DE SOUZA, EUSTÁQUIO GOMES, HÉLIO COSTA JÚNIOR, GENI RAMOS
DA SILVA, JOSÉ MANOEL COSTA HERNANDEZ, JOZILDA OLANDIM RIBEIRO, LOURDES MARIA
BATISTA DA COSTA SILVA, MÁRCIA CRISTINA CÂNDIDO DOS SANTOS, PEDRO PAULO DE
ALMEIDA GALVÃO, PEDRO PAULO LÚCIO, OSÉAS MAGALHÃES, REGINA DIAS ANTUNES DA
SILVA, RUTH HELENA RAMOSO, VÂNIA APARECIDA ROZINELI

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP

TEIA DO SABER. CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA. UNICAMP - SECRETARIA
DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/SP. (ORGS.) ROBERTO VILARTA, RAQUEL DO CARMO SANTOS,
ANTONIO JOSÉ SCARPINETTI, ÁLVARO KASSAB - CAMPINAS, SP: IPES EDITORIAL, 2005.

184p.

1. FORMAÇÃO PROFISSIONAL 2. APRENDIZAGEM 3. EDUCAÇÃO CONTINUADA
4. ESCOLAS PÚBLICAS

CDD
370.71

ISBN: 85-98189-09-X

NENHUMA PARTE DESTA PUBLICAÇÃO PODE SER GRAVADA, ARMAZENADA EM SISTEMA
ELETRÔNICO, FOTOCOPIADA, REPRODUZIDA POR MEIOS MECÂNICOS OU OUTROS QUAISQUER
SEM AUTORIZAÇÃO DOS EDITORES.

SUMÁRIO

Apresentação.....	07
Diretoria de Ensino da Região de Americana.....	21
Diretoria de Ensino da Região de Apiaí.....	31
Diretoria de Ensino da Região de Bragança Paulista.....	45
Diretoria de Ensino da Região de Campinas Leste.....	57
Diretoria de Ensino da Região de Campinas Oeste.....	67
Diretoria de Ensino da Região de Capivari.....	79
Diretoria de Ensino da Região de Itapetininga.....	91
Diretoria de Ensino da Região de Jundiaí.....	101
Diretoria de Ensino da Região de Limeira.....	111
Diretoria de Ensino da Região de Miracatu.....	123
Diretoria de Ensino da Região de Pindamonhangaba.....	137
Diretoria de Ensino da Região de Piracicaba.....	151
Diretoria de Ensino da Região de Sertãozinho.....	161
Diretoria de Ensino da Região de Sumaré.....	175



Vista aérea do campus da Universidade Estadual de Campinas, no distrito de Barão Geraldo

APRESENTAÇÃO

“ Por sua amplitude, originalidade e efeito multiplicador na qualidade do ensino, o Teia do Saber é uma importante contribuição à melhoria da educação em São Paulo. A boa experiência acumulada pela CENP, ao longo dos anos, no campo da formação continuada dos professores da rede estadual, e o interesse e capacitação existentes na boa universidade pública, permitiram que se chegasse a resultados notáveis.

Pode-se perceber isso no crescente interesse demonstrado pelas escolas das 14 diretorias de ensino atendidas pela Unicamp. O forte envolvimento dos professores, pós-graduandos e funcionários da Unicamp também tem sido uma prova de que a Teia, mais que um programa de cursos não convencionais para provocar a reflexão sobre a prática em sala de aula, é um movimento de formação de lideranças educacionais e de construção da cidadania. A Unicamp muito se orgulha de contribuir para essa nova realidade. ”

Professor Carlos Henrique de Brito Cruz, reitor da Unicamp

Foto: Antoninho Perri



“ Mais de uma centena de professores e doutorandos da Unicamp estão envolvidos no programa Teia do Saber. Não é somente o número que impressiona: é sobretudo o entusiasmo com que se entregam a essa tarefa de invulgar nobreza – a de levar aos professores do ensino médio e fundamental os frutos de sua experiência –, conciliando-a com suas atividades do cotidiano universitário.

Certamente têm responsabilidade nesse alto grau de envolvimento a riqueza conceitual do programa, a vontade política da Secretaria da Educação em realizá-lo de forma exemplar e a resposta fortemente interessada do público-alvo: os professores das 962 escolas hoje atendidas pela Unicamp. Na verdade, desde o começo a Unicamp quis ser a ‘jóia da coroa’ entre as universidades que participam do programa, como, aliás, procede em quase tudo o que faz.

O resultado é que, de um índice de participação de 5% do programa como um todo, em 2003, a Unicamp salta para 24% em 2004 – ou seja, quase um quarto da totalidade das Diretorias da CEI. Satisfaz muito a nossa Universidade que não tenha sido uma postulação sua esse crescimento, mas um movimento espontâneo das escolas e das delegacias de ensino em direção aos cursos ministrados pela Unicamp. ”



Professor José Tadeu Jorge, vice-reitor da Unicamp

“ Dentre as múltiplas linhas de ação que a Pró-Reitoria de Extensão da Unicamp tem desenvolvido nos últimos anos, a coordenação das atividades da Teia do Saber é seguramente uma das mais gratificantes. Por três razões: a oportunidade de contribuir para a melhoria do ensino médio e fundamental no Estado; a possibilidade de vivenciar os problemas e desafios enfrentados pelo professor da rede pública; o rico manancial de informações que o programa permite à Universidade reunir e trazer para seu laboratório de prática acadêmica.

Pode-se assegurar que nunca, em se tratando de programas de formação continuada, a Unicamp se sentiu tão integrada e identificada quanto com o conteúdo proposto pela Teia. Pela forte interação com as escolas e com os professores – em suma, com o universo social das comunidades envolvidas – e também pelo aprendizado que vem acumulando no ato de ensinar e debater, pode-se dizer com certeza que esta é uma das experiências mais fecundas e fecundantes que a Unicamp vivenciou nos últimos tempos. ”

Professor Rubens Maciel Filho, pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Foto: Antoninho Perri



Foto: Divulgação



Professor Gabriel Chalita, secretário de Estado da Educação de São Paulo

O Programa de Formação Continuada, denominado Teia do Saber, foi idealizado pela Secretaria Estadual de Educação. Seu objetivo é levar o professor aos bancos escolares para que reflita sobre sua prática em sala de aula.

Cada Diretoria de Ensino, dentro de suas especificidades, contrata instituições de ensino superior, através de processo licitatório, para atender a demanda local.

Na entrevista abaixo, o secretário estadual de Educação, professor Gabriel Chalita, e a coordenadora de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP), professora Sônia Maria Silva, falam sobre o projeto.

Quais são as necessidades do professor em relação à formação continuada?

Uma das necessidades dos professores recai sobre as questões metodológicas, ou seja, sobre como ensinar os conteúdos programáticos propostos aos alunos do ensino fundamental e médio. Assim, as dificuldades enfrentadas em sala de aula são as prioritárias nos programas de formação e têm sido o foco das ações descentralizadas.

Como foi idealizado o Programa Teia do Saber?

O Programa atende a diferentes demandas de formação continuada de uma rede escolar ampla e complexa, respeitando a cultura local e valorizando a autonomia da escola. Por isso, combina ações centralizadas, organizadas a partir de iniciativas dos órgãos centrais da Secretaria de Educação, com ações descentralizadas, geradas nas Diretorias de Ensino (DE) e escolas.

As ações centralizadas, destinadas a todos os profissionais que atuam na rede estadual de ensino, caracterizam-se por sua grande abrangência e simultaneidade e ocorrem de forma presencial, por meio de fóruns, encontros, seminários e publicações, ou veiculadas pelas mídias interativas – teleconferências e videoconferências.

As ações descentralizadas são desenvolvidas pelas Diretorias de Ensino para realizar, em âmbito local, os projetos da Secretaria e outros programados pela própria D.E. Além disso, para atender às demandas de formação continuada especificamente dos professores de cada região, as D.E.s implementam ações mediante a contratação de instituições de ensino superior.

Que enfoque deve ser dado por parte das universidades envolvidas no programa?

As ações descentralizadas devem assegurar a atualização dos docentes para o uso de novas metodologias focadas no aperfeiçoamento da leitura e da escrita em todas as áreas do conhecimento. Assim, os cursos propostos pelas instituições de ensino superior devem proporcionar a reflexão sobre a prática em sala de aula, de modo que os participantes possam repensar as suas ações, torná-las objeto de discussão durante o curso e desenvolver propostas inovadoras que, de fato, promovam o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos.

Já é possível aferir resultados práticos desde a implantação do Programa?

No tocante ao aproveitamento dos alunos, ainda é precoce a aferição de resultados, dado que a implementação dessas ações ainda é recente (um ano e meio). Notam-se, entretanto, em diversas D.E.s, efeitos positivos decorrentes sobretudo da natureza das ações descentralizadas, que exigem um diagnóstico mais preciso das necessidades de seus professores, a negociação com as instituições de ensino superior para atendimento das prioridades estabelecidas e um acompanhamento e avaliação sistemáticos da execução do Programa.

Qual o maior desafio enfrentado pela Secretaria para a melhoria da qualidade do ensino público?

O ensino público pode ser considerado de qualidade quando consegue manter, assíduas e com bom aproveitamento, todas as crianças e jovens matriculados nas escolas do respectivo sistema, garantindo-lhe o acesso à cultura, à arte, à ciência, ao mundo do trabalho e educando-os para o convívio social e solidário, para o comportamento ético, para o desenvolvimento do sentido de justiça, para o aprimoramento pessoal e para a valorização da vida. O êxito desse empreendimento re-

quer o preparo intelectual, emocional e afetivo dos profissionais nele envolvidos.

Nessa perspectiva, o maior desafio é, sem dúvida, conseguir assegurar esse preparo aos cerca de 200 mil professores que trabalham nas quase 6 mil escolas estaduais e responsabilizam-se pela aprendizagem de aproximadamente 5,5 milhões de alunos. Por essa razão, a Secretaria de Educação tem buscado com determinação o aprimoramento dos seus profissionais.

Foto: Divulgação



Professora Sônia Maria Silva, coordenadora de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP)



Fachada do prédio da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, na Praça da República, no centro de São Paulo



Professores participantes do Programa Teia do Saber em cerimônia realizada no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp, em dezembro de 2004



O professor Élcio Antonio Selmi dedica-se há 25 anos à Educação. Fez carreira completa. Foi professor, diretor, delegado de ensino e agora comanda a CEI – Coordenadoria de Ensino do Interior. Sob sua direção, estão nada menos do que 61 diretorias de ensino, todas do interior do Estado. “A cada dia é um desafio novo. Fico apreensivo em saber se todos os alunos estão recebendo merenda. Rezo todas as noites para que o teto de uma escola não desabe. São muitas as inquietações”.

Para organizar todo esse sistema de ensino, Élcio lança mão de uma miniestação de televisão, instalada nas proximidades de sua sala, no Lago do Arouche, em São Paulo. De lá, ele tem contato com todos os dirigentes e consegue transmitir as principais informações e recomendações à sua equipe. Também são passados conteúdos através de videoconferências. Consegue, por exemplo, se comunicar com o pessoal de Mirante do Paranapanema, distante 16 horas de São Paulo.

Com toda a carga burocrática que carrega, Élcio tem uma opinião formada sobre a prática do ensino. “A Educação é o afeto, o trato, o sentimento. Precisamos passar por essa transformação”. Para ele, o perfil do aluno não mudou. Nos mais de 15 anos passados em sala de aula – foi professor de Biologia em Campinas nas tradicionais escolas Carlos Gomes e Francisco Glicério – sabe bem as dificuldades enfrentadas para prender a atenção do aluno. O coordenador, no entanto, acredita que a relação professor-aluno deve ser pautada pelo respeito. “O aluno precisa ser entendido, não necessita de prova ou algo rigoroso que o escravize”.

Na classe, o professor de Biologia utilizava diversas ferramentas para transmitir conteúdo. “Fazia seminários, palestras, colocava vídeos para assistirem. A aula tem que ser preparada”, defende. Para mudar a realidade, surgiu a idéia de levar o professor de volta aos bancos escolares. Muitos dos educadores não têm acesso à formação continuada depois de formados. “O objetivo é que a universidade traga uma nova visão e um novo modo de encarar as diferentes situações. E, neste aspecto, a Teia do Saber tem cumprido esse papel”.



“ O alcance social é incalculável. O professor é estimulado a produzir material didático e a atuar em novas metodologias. Não só levamos conhecimento, mas também vivenciamos os principais problemas e desafios enfrentados pelo professor da rede pública. Os dados obtidos a partir dos relatos registrados nos diversos documentos produzidos ao longo dos encontros, servem para a reflexão interna e externa da prática educacional, cujo resultado reverterá para a própria sociedade. Alguns deles estão reproduzidos nesta publicação. ”

Professor Fernando Arantes, Coordenação da Teia do Saber na Unicamp



“ Um projeto com as dimensões da Teia do Saber exige um sistema de avaliação contínuo e complexo, dado o número e diversidade dos fatores identificados que podem interferir no seu andamento. Em 2004, a avaliação desenvolvida pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) teve dois objetivos. Primeiro, identificar as condições, facilitadoras ou não, em todos os subprojetos ocorridos nas diversas Diretorias de Ensino: avaliação geral, objetivos e conteúdos propostos, atividades pedagógicas desenvolvidas, procedimentos de avaliação utilizados, bibliografia e condições de infra-estrutura.

Os dados demonstram que 92% dos professores-alunos consideraram os subprojetos como bons e excelentes, ficando os problemas concentrados nos itens de infra-estrutura, como dificuldade de acesso a xerox, biblioteca, secretaria, recursos tecnológicos e cantina.

O segundo objetivo da avaliação foi identificar as opiniões dos professores-alunos com relação aos possíveis impactos nas suas próprias práticas pedagógicas desenvolvidas em suas salas de aula. Os dados gerais mostram que 94% consideraram os subprojetos como excelentes e bons, sendo apontadas inúmeras sugestões para o aprimoramento do processo, principalmente quanto ao início das atividades, número de horas de aula por semana, duração, etc. Para o próximo ano, pretende-se aprimorar o processo de avaliação com a produção de mais dados sobre cada subprojeto desenvolvido e sobre seus efeitos nas práticas pedagógicas dos professores nas escolas. ”

Professor Sérgio Leite, Coordenação da Teia do Saber



“ A escola é um prolongamento do lar. Como pode render uma criança que não é amada em casa? Ela já vai com o coração apertado, não está emocionalmente pronta. Mas, com as novas metodologias aplicadas na Teia do Saber, tenho certeza de que isso será alcançado.

Nossos professores são heróis apaixonados pela escola. Mudei muito depois que saí da Unesp para trabalhar na Secretaria de Educação. Não tinha idéia de quantos programas maravilhosos eram formulados aqui. Eu achava que ninguém fazia nada e ainda dizia que a escola não melhorava porque não havia interesse. Hoje, vejo que se faz muito pela Educação.

Sou apaixonada pela Educação e não sou educadora. Embora meu trabalho seja anônimo, sei que estou contribuindo para a transformação do ensino, que, sei, não tardará a acontecer. Essa convicção vem da minha constatação de que o secretário, com muito esforço e otimismo, está mudando as coisas. E a Teia do Saber será um fator primordial para essa mudança. ”

Ana Maria Gravina, analista de suporte pleno/Divisão de Administração - CEI



Professores da rede estadual (à esquerda) e representantes da Unicamp (à direita), durante cerimônia realizada no Ginásio da Universidade

“ A Unicamp só tem a ganhar com a iniciativa, uma vez que consegue transmitir conhecimento a partir da produção individual e coletiva de seus docentes para uma parcela importante da sociedade: os professores da rede pública. Trata-se de uma boa oportunidade de atuar diretamente na melhoria do ensino fundamental e médio.

Ao conversarmos com os professores cursistas, eles nos transmitem a idéia de que a Unicamp é algo distante e inatingível. Esta visão, como um dos resultados decorrentes da Teia e devido à integração muito grande com o ambiente acadêmico, está se modificando e, aos poucos, as resistências à retomada aos bancos escolares estão sendo quebradas. Eles começaram a freqüentar disciplinas como alunos especiais, e isto prova que há uma mudança significativa relacionada ao ânimo desses professores no investimento de seu aprimoramento acadêmico e cultural. ”



Professor Roberto Vilarta, Coordenação da Teia do Saber na Unicamp



CIDADES

Americana, Nova Odessa e Santa Bárbara D'Oeste

CURSOS

História/Geografia e Matemática

96 professores
capacitados

76 escolas
participantes

240 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Professoras participantes da Teia do Saber conversam no saguão do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Unicamp

PERSEVERANÇA



“ A Diretoria de Ensino de Americana abrange três municípios: Americana, Nova Odessa e Santa Bárbara D’Oeste – região essencialmente urbana do Estado. Atende 76 escolas, com 2.470 professores oriundos de outras regiões do Estado, na grande maioria. Foram atraídos, em épocas passadas, pela demanda de aulas desta região e pela oferta reduzida de trabalho em suas cidades de origem. Considerando o profissional, egresso de instituições privadas de pouco alcance, e as atuais condições de sobrevivência do país, não dispondo de mecanismos para investir em sua própria formação, por seus próprios meios, reproduz na escola, frente ao mundo do trabalho, os mesmos procedimentos aprendidos. Perpetua um ciclo vicioso onde o maior prejudicado, certamente, é o aluno. Daí a importância da intervenção do Estado, através da Secretaria de Educação. O Programa Teia do Saber vem ao encontro de reivindicações antigas dos professores com relação à sua formação. Tem atendido satisfatoriamente ao público envolvido. Porém, como toda aprendizagem, o resultado é lento e gradual, requer paciência e perseverança. ”

Maria Salete Alves de Aguiar, gestora da Teia (à esquerda, na foto acima) e Iraí Aguiar Pedrosa, dirigente de Ensino



Professores da região de Americana participam da Teia do Saber

JOGOS



A agenda do professor Alessandro Moretto Moraes Barros, da E.E. Idalina Grandim Mirandola, em Americana, é carregada. Mas, reconhece o docente, a Teia do Saber foi útil pelo aprendizado recebido. Um conhecimento que é repassado aos alunos, sobretudo no que diz respeito aos jogos educativos.

ALÉM DO PAPEL



Rosângela Alves Guimarães, professora da E.E. Idalina Grandim Mirandola, em Americana, gosta de criar, brincar, inovar. Foi assim com o dominó gigante montado por ela na quadra da escola. “Há alguns anos não era assim. Não havia diversidade para se ensinar Matemática”. A professora acredita que o importante é ir além do papel.



BINGO!

Nos cursos da Teia do Saber, a professora Iraci de Oliveira dos Santos, da E.E. Maria Judite Savioli de Oliveira, em Santa Bárbara D'Oeste, incorporou outras formas para trabalhar o conteúdo na sala de aula. Bingo e cruzadinha matemática estão entre os recursos utilizados por ela na sala de aula. Quanto ao computador, Iraci está começando a se familiarizar. Em seus 13 anos como professora da disciplina, avalia que as formas de ensinar Matemática mudaram bastante.





SEMEANDO

Leandro Karnal deu aulas na rede estadual por 20 anos. Na Teia do Saber, coordenou duas turmas e esteve em Americana, Apiaí e Limeira. “A melhor coisa para um professor é dar aula para professor”, costuma dizer. Para o docente, o projeto cumpre sua missão ao colocar na sala justamente aquilo que os professores mais anseiam: o novo. Karnal recorre à metáfora feita pelo escritor Rubem Alves. “O professor planta carvalho, e não eucalipto. Ele semeia mas não vê crescer, não colhe”. Nessa semeadura, diz, a Unicamp é mais do que indicada por tratar-se de uma instituição pública, falando para o sistema público.







CIDADES

Apiaí, Barra do Chapéu, Guapiara, Iporanga, Itaóca, Itapirapuã
Paulista, Ribeira e Ribeirão Branco

CURSOS

Física/Química e Biologia, Matemática, Geografia e História,
Língua Portuguesa/Literatura

293 professores
capacitados

36 escolas
participantes

960 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Aluno da E.E. Diógenes Ribeiro de Lima, em Ribeira, durante aula de Língua Portuguesa; na página anterior, alunos da E.E. Professora Júlia Ribeiro Bretas, no bairro rural do Encapoeirado, no município de Apiaí



José Manoel Costa Hernandez



Pedro Paulo de Almeida Galvão

ABRINDO AS PORTAS

A chegada da Unicamp em Apiaí é um marco na história da educação da região. Não foram poucas as tentativas realizadas pela Diretoria de Ensino para que os professores tivessem acesso a uma formação continuada. A iniciativa é inédita e abre as portas para que os profissionais não precisem se deslocar para outras regiões em busca de atualização. “Eles nunca haviam tido um curso de formação na região. Era uma luta antiga”, destaca o assistente técnico da Diretoria de Ensino de Apiaí, José Manoel Costa Hernandez.

A Diretoria consegue oferecer apenas oficinas pedagógicas. Neste caso, aqueles professores que se destacam por sua atuação na região são convidados a participar do projeto. “Os profissionais viajam para São Paulo, passam por treinamento e depois retornam. São pessoas que tiveram a mesma formação que os outros”, afirma Hernandez.

Desde julho, o programa Teia do Saber tem permitido aos professores o contato com novas metodologias de ensino e conteúdos atualizados, que dificilmente conseguiriam sem viajar mais de uma centena de quilômetros. “Quando surgiu a possibilidade de se trazer a Unicamp para o Ribeira, ficamos entusiasmados. Queríamos uma universidade de excelência”, lembra Hernandez. O sucesso foi tão grande que, dos 800 professores ligados à rede de ensino local, 45% estão participando do programa.

Segundo o dirigente de Ensino de Apiaí, Pedro Paulo de Almeida Galvão, os problemas na formação dos educadores são inúmeros. Desde a graduação, os professores da Rede de Ensino enfrentam vários obstáculos para atuarem no mercado. “Em primeiro lugar, temos uma lacuna na formação desses professores por conta da qualidade do ensino nas universidades mais próximas. Muitos professores universitários não são mestres”, afirma o dirigente. Este fator faz com que os conteúdos sejam dados de forma superficial, prejudicando o desempenho em sala de aula.

A distância é outro problema enfrentado. “Muitos saem de Apiaí para Itapetininga – cidade que possui uma das universidades mais próximas –, onde chegam às 19h30, retornando por volta de meia-noite. No dia seguinte, precisam trabalhar às 7 horas. É assim que se faz a formação por aqui”. Apenas cerca de 2% dos professores, justamente aqueles que possuem um padrão de vida melhor, conseguem estudar em Sorocaba, São Paulo ou Curitiba.

UMA REPORTAGEM NO RIBEIRA

*Como uma roseira,
Nasceu essa heroína.
Eternamente é lembrada
Por seu valor e sua sina.
Sua vida é uma mensagem,
Doce e amada Regina*

O poema acima está numa moldura sem retoque pendurada no corredor que dá acesso ao saguão da Escola Estadual Professora Regina Dias Antunes da Silva, no centro do município paulista de Apiaí, a 330 quilômetros de Campinas. Trata-se de um dos muitos escritos de autoria de alunos em homenagem à professora que dá o nome à escola. Além dos poemas, redações e mensagens, um vaso com flores artificiais foi colocado ao lado de um retrato da homenageada. Um desavisado poderia ver ali um pequeno altar. É quase isso. Para dar aulas em escolas rurais, a professora Regina Dias Antunes da Silva cumpria uma rotina diária de longas caminhadas mata nativa adentro. Numa de suas idas e vindas, ficou no meio do caminho – em 1968, foi assassinada numa trilha.

Passados 36 anos da tragédia, seria razoável imaginar que muita coisa mudou. Não foi o que aconteceu. O crime não foi esclarecido e o exercício do magistério na região continua a ser, na maioria dos casos, um sacerdócio. “Cerca de 50% das escolas ficam na mata. São estradas abandonadas e precárias. Professoras saídas da adolescência, com 22 anos em mé-



Cícero Martins Vieira

dia, fazem sozinhas o trajeto. É preciso coragem, vocação e ousadia. É a outra realidade do Estado de São Paulo”, atesta o diretor de ensino de Apiaí, Pedro Paulo de Almeida Galvão.

Apiaí é conhecida como o “Portal da Mata Atlântica”. Exuberâncias naturais à parte – a cidade dá acesso a cavernas cinematográficas, por exemplo –, a cidade é também a porta de entrada do Vale do Ribeira, região que concentra os municípios mais pobres do Estado mais rico do país. Não deixa de ser emblemático que, na escola cujo nome evoca uma mulher tratada como heroína na cidade, funcione o QG do Projeto Teia do Saber.

Desde julho de 2004, o estabelecimento recebe docentes e doutorandos da Unicamp. A missão: ministrar cursos de formação continuada, até dezembro, para 356 professores da

Rede Estadual de Ensino. Na verdade, o papel da Unicamp no projeto financiado pela Secretaria Estadual de Educação é bem mais amplo. Docentes da Universidade integram o projeto em outras regiões do Estado – ao todo, são 14 diretorias de ensino –, mas é em Apiaí e em outras sete cidades vizinhas que a tarefa ganha contornos humanitários.

Depoimentos dos personagens locais revelam que, ali, o exercício do magistério é uma profissão de fé. Cícero Martins Vieira é um desses abnegados. Era de se imaginar que bastariam para ele suas tarefas à frente da Paróquia “Bom Jesus”, em Ribeira – cidade com quatro mil habitantes, margeada pelo rio Ribeira de Iguape. Vieira, porém, quis mais. Divide seu tempo exercendo dois ofícios que, garante, se complementam: o de padre e de professor. “Minha missão é formar cidadãos. Fazer as pessoas se sentirem gente, importantes e amadas. Tudo isso posso conciliar no atendimento às famílias e em sala de aula”.



Débora Prado de Almeida Pereira



Elisabete dos Santos Lima Mendes

Para completar a jornada obrigatória de 27 horas semanais, Vieira dá aulas de História em Ribeira e em outras dois municípios da região – Guapiara e Itapirapuã Paulista, esta tida como a cidade mais pobre do Estado, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Um dos trajetos percorridos pelo professor é cercado de armadilhas. “Em Guapiara, por exemplo, a escola fica próxima a uma mineradora e a estrada não é asfaltada. O fluxo intenso de caminhões oferece perigo para os motoristas”, conta.

Realidade semelhante é vivenciada pelas professoras Marina Corrêa Camargo Santos, Elisabete dos Santos Lima Mendes e Débora Prado de Almeida Pereira. A precária estrada que liga os 22 quilômetros entre Apiaí e Itaóca – segunda cidade mais pobre, segundo o IDH – é o caminho obrigatório das professoras. Apiaí é o local mais próximo para se lançarem na empreitada de recolher revistas e jornais em consultórios médicos da cidade a fim de municiar a Escola Estadual Professora Nésia Morim Martins de material para consulta. “Os

alunos não têm acesso a livros e jornais. São poucos os que possuem televisão”, diz Débora.

Para as aulas de Biologia, Elisabete não conta sequer com uma lupa ou microscópio. Seus alunos, a maior parte oriunda da zona rural e de comunidades quilombolas, aprendem apenas com o conteúdo dos livros didáticos. “Não tenho condições de mostrar ao menos uma levedura ou fungo”, reclama. Na falta de material para ensinar alguns conceitos básicos da sua disciplina, Elisabete recorre à diversidade natural da região.

Aos sábados, quando os professores da Unicamp estão em Apiaí, as professoras deixam de lado os afazeres domésticos e os momentos de lazer. Um sacrifício que, de acordo com elas, vale a pena. Para Marina, os assuntos ensinados reforçam a segurança em sala de aula. “Como moramos em um lugar carente de conhecimento, temos que agarrar a oportunidade”, diz.

Encomendas – “Ser professor nesta região é ser herói”, desabafa Valter Martins de Oliveira, que sente na pele a falta de recursos para ensinar Filosofia, disciplina que exige acesso à bibliografia atualizada. “Caso eu precise de um livro, tenho de encomendá-lo ou viajar até Sorocaba ou São Paulo”, afirma. Para o professor, seus alunos são os maiores prejudicados com a falta de acesso ao material adequado. Outro problema colocado por Oliveira, um ex-padre, é a falta de cursos de atualização na região, vista por ele como “nitidamente discriminada”. “Por isso o programa

está sendo fantástico. Ele abre um espaço para tirar nossas dúvidas, além de nos revelar novas metodologias”.

Também é um momento importante para analisar a prática das atividades e aproveitar a assessoria oferecida pela Unicamp. Com isso, os alunos ganham. “Eles terão o privilégio de ter professores bem-preparados e mais seguros em sala de aula”.

Vieira é outro que elogia a dedicação dos professores da Unicamp em levar o que chamou de “educação para libertar”. O professor valoriza os encontros na Teia que, segundo ele, têm proporcionado uma abertura em relação a temas ligados à diversidade. “Temos aprendido a conviver com o diferente. Essa novidade tem sido reforçada”, comemora. A sociedade como um todo, em sua opinião, vive uma fase de indefinição que acaba refletindo nas salas de aula. “Os alunos não têm claro o caminho do futuro, o amanhã. Cabe ao professor dar a orientação necessária”.



Marina Corrêa Camargo Santos

O preço a pagar – “Os professores da Unicamp falam o que queremos ouvir”, declara Lúcia de Souza Machado, de Ribeirão Branco. Professora de Língua Portuguesa, Lúcia tinha dúvidas quanto a colocações comuns na região em que dá aulas. “Eu não sabia, por exemplo, se era correto falar ‘obrigada eu’. Um professor da Unicamp [Wilmar D’Angelis] disse que é normal essa regra”. Neste primeiro momento, Lúcia diz que está no processo de “ingerir” o conteúdo; acredita que o “digerir” virá no futuro. Como já está na finalização dos programas de aula, Lúcia irá empregar todo conhecimento adquirido na Teia do Saber já no próximo ano letivo. Garante, sem vacilar, que está valendo a pena ter que percorrer 90 quilômetros para enriquecer sua bagagem. “Conhecimento não tem preço. Você paga de uma maneira ou de outra, em dinheiro ou em cansaço”.



Valter Martins de Oliveira



Elisabeth de Lourdes Martinez

Criatividade – Leila Julieta Barbosa Salturato deixou a filha de um ano e oito meses em casa com familiares para poder frequentar os cursos. “Está valendo estar aqui”, diz. Leila está matriculada no curso de Matemática e sabe bem o quanto deve usar a criatividade para ensinar. Para ela, as práticas têm enriquecido bastante. A professora está “tirando o máximo” dos conceitos passados pelo pessoal da Unicamp. “Vou melhorar cada vez mais”. Ela percebe um efeito positivo no modo de enxergar as coisas. “Isto terá um efeito sobre meus alunos, pois torna o aprendizado mais fácil”.

Devoção – O esmero com as plantações de couve, berinjela, repolho, alface e outras hortaliças e os enfeites na parede demonstram o zelo dos dirigentes da escola rural Professora Júlia Ribeiro Bretas, localizada no bairro Encapoeirado, distante 15 quilômetros de Apiaí. A quadra feita por mutirão de alunos é outro indício de que o lugar é bem-cuidado. “A grande maioria dos alunos sobrevive da safra de tomate. Trabalham na lavoura até tarde e estudam à noite. Muitos conseguem chegar apenas na segunda aula”, conta a diretora, professora Elisabeth de Lourdes Martinez.

Uma das cinco salas da escola de Encapoeirado teve que ser aberta este ano para abrigar estudantes do ensino médio que estavam fora da sala de aula. Eles têm entre 20 e 37 anos e chegam dos mais diversos bairros da região. “Quando termina a safra, o pessoal migra para outros locais e depois retorna para a plantação. Isso impede que freqüentem as aulas o ano inteiro”, explica a diretora.

A escola não tem linha telefônica, e as atribuições dos professores muitas vezes transpõem os muros da escola. Histórias de alunos com várias necessidades são comuns. “Visitamos as famílias de muitos deles para saber os problemas enfrentados em casa. Existem casos críticos, inclusive de alcoolismo”, conta a auxiliar de direção, Maria José Pedroso dos Santos. Adilson Rosa, um garoto de 14 anos, matriculado na 7ª série, é um dos exemplos. O jovem não apresentava comportamento adequado, era problemático e tinha muitas dificuldades no aprendizado. A perseverança da diretora fez com que o garoto se animasse a representar a escola nas competições de atletismo da região. Ele venceu e participará da rodada regional. “Se não tiver amor, você não faz o trabalho. Temos que nos empenhar, colocar a mão no bolso para ajudar em alguma coisa. É assim”, ressalta Elizabeth.

Mesmo com tantas tarefas na escola, Elizabeth e Maria José não hesitaram quando surgiu a oportunidade de participar da Teia do Saber. Elizabeth, inclusive, já pôde aplicar alguns dos ensinamentos do curso de Letramento nas reuniões com sua equipe. Houve muita procura pelos cursos e a escola de Encapoeirado, segundo elas, foi uma das instituições que mais enviou professores. “No curso de Letramento, por exemplo, participaram todos os 10 professores da escola”, festejam.

Texto extraído do Jornal da Unicamp (edição 268, de 4 a 10 de outubro de 2004)



Maria José Pedroso dos Santos



Aula da professora Vera Lúcia Batista Pienta, na E.E. Diógenes Ribeiro de Lima



Cena de bairro rural de Apiaí

DNA DA CEBOLA



Carmen Veríssima Ferreira

As professoras Fernanda Ramos Gadelha e Carmen Veríssima Ferreira, do Departamento de Bioquímica do Instituto de Biologia da Unicamp, protagonizaram uma experiência no mínimo curiosa. Dentro do assunto escolhido previamente, biologia molecular, e, atendendo a solicitação dos professores, redirecionaram o conteúdo procurando trabalhar o tema dentro do contexto vivenciado por eles. Isolaram o DNA da cebola para uma incrível platéia. “Os olhos de muitos deles brilharam”, atesta Fernanda. E foram além: demonstraram como se pode clonar um gene e obter uma planta transgênica, assunto importante numa região onde a economia é baseada na agricultura. Tudo na base da simplicidade. No caso do isolamento do DNA, lançaram mão de objetos prosaicos, entre os quais detergente, sal de cozinha, gelo e álcool.

“Minha sensação é de dever cumprido”, comemora Carmen, marinheira de primeira viagem nesse tipo de programa. Dizendo-se surpresa com o grande interesse dos alunos, a docente acredita que a

Unicamp contribui muito quando participa de projetos em outros municípios. “Isto acaba possibilitando o ensino numa realidade próxima àquela vivenciada pelos alunos”.

A opinião é compartilhada por Fernanda, cuja experiência no projeto entra no terceiro ano. A docente sabe que, ao auxiliar os professores com conteúdo teórico e prático, atinge a outra ponta da teia, no caso, os alunos. “Trata-se de uma progressão geométrica”, dimensiona. Feitas as contas, Fernanda parte para o conceitual e evoca os métodos usados pelo educador Paulo Freire. “Você contextualiza o que vai ensinar dentro da realidade vivenciada pelos alunos”.

Fernanda reconhece que a tarefa não é fácil, mas aponta saídas emergenciais para o impasse, sobretudo no que diz respeito à precariedade de material e, conseqüentemente, à falta de recursos. A solução? Criatividade, prescreve. “É preciso criar a partir de coisas simples. Bioquímica, por exemplo, é um terror para os alunos. Se arrumamos novos caminhos didáticos, correlacionando-os com a realidade deles, é possível uma aprendizagem sólida do assunto.”

SAUDADES NA MALA

“Vou levar saudades na mala”. Foi essa a reação do professor Sílvio de Alencastro Pregnolato, do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Unicamp, ao despedir-se de Apiaí. Desde 1981 na Unicamp, o docente acredita ser “absolutamente necessário” participar de programas com o perfil da Teia do Saber.

Na opinião do docente, mesmo com todas as carências, os professores assistidos pelo programa têm “uma força interior muito grande para tentar superar as deficiências, aprender mais e, assim, transmitir mais”. Pregnolato sabe dos contrastes do país, e acredita ter dado sua parcela para atenuá-los. “A minha esperança é que esse sacrifício contribua para diminuir esses abismos”.

MÃO DUPLA

Foto: Dário Crispim



Há dez anos professor do Instituto de Estudos da Linguagem, Wilmar da Rocha D'Angelis é um especialista em línguas indígenas. Trabalho de campo, para ele, não é novidade. Desenvolveu estudos, por exemplo, com línguas Jê e Macro-Jê, além de assessorar programas de educação escolar indígena. Quando foi convidado a participar do projeto no Ribeira, D'Angelis logo demonstrou interesse. Primeiramente, por ter a convicção de que a região “estava esquecida pelo Estado”. Depois, por intuir que a diversidade lingüística era uma das características da região onde, na sua avaliação, havia uma rica tradição mantida viva nas comunidades indígenas e quilombolas. “Estamos encontrando essa riqueza. Há uma grande variedade lingüística, boa parte dela desconhecida”, revela o docente.

Mais que ter contato com o objeto de seus estudos, D'Angelis vê nessa oportunidade um trabalho cujo alcance social tem mão dupla. Numa perspectiva, aplica-se os conhecimentos e as experiências acumuladas na Universidade, colocando-os a serviço da comunidade de professores e, indiretamente, dos alunos. “Esse tipo de trabalho enriquece a universidade continuamente, já que espelha a sociedade brasileira. Mostra um mosaico que nunca se sabe como se desenha”. Na segunda perspectiva, diz D'Angelis, o projeto é revelador na medida que comprova ser possível a universidade “ter os pés no chão”, mostrando uma realidade mantida desconhecida por vários fatores. “A nossa Universidade fala de um país que existe, porque está em contato com ele”.



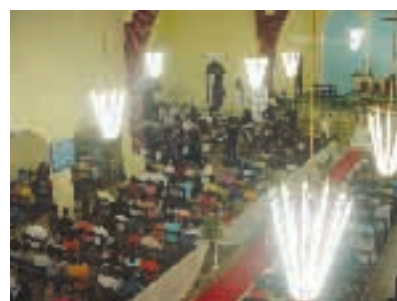
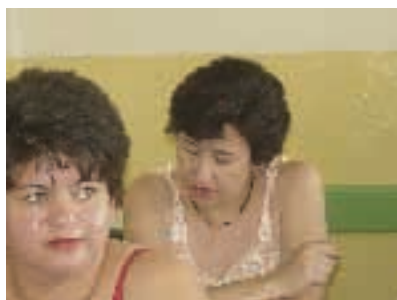
APROXIMAÇÃO

Para Marili Bassini (à esquerda), doutoranda em História na Unicamp, se não fosse a Teia do Saber, dificilmente a Universidade conseguiria passar o conhecimento que ela produz para os professores da rede pública. “É importante essa aproximação da academia para também enriquecer o processo de construção do conhecimento”. Marili acredita que o contato dá sentido àquilo que se produz. “O conhecimento vai sendo renovado à medida que buscamos coisas novas com os professores”.

Célio Ricardo Tasinafo, também doutorando da História, concorda com Marili. “A extensão funciona porque atinge um público que serve como agente multiplicador”, diz. Para ele, divulgar as pesquisas em simpósios ou congressos é importante, porém, o público é restrito. “Esta é a melhor experiência para se difundir o conhecimento. Neste ponto, a Unicamp cumpre muito bem seu papel social”.



Fotos: Dário Crispim



Diretoria de Ensino de Bragança Paulista



CIDADES

Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Bragança Paulista, Joanópolis, Morungaba, Nazaré Paulista, Pedra Bela, Pinhalzinho, Piracaia, Socorro, Tuiuti e Várzea

85 professores
capacitados

91 escolas
participantes

CURSOS

Língua Portuguesa/Literatura e Geografia/História

640 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Pátio da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista; na página anterior, fachada da E.E. Coronel Francisco de A. Gonçalves



NA VANGUARDA

“O processo foi fantástico. Conseguimos trazer a Unicamp para Bragança Paulista! É uma parceria que nos alegra muito. Muitos professores só fizeram o curso depois que a presença de professores da Unicamp foi confirmada. Agora, queremos triplicar o número de estudantes para que possamos, junto com a Universidade, implementar um trabalho de aperfeiçoamento dos professores. Conseguiremos, com certeza. A Unicamp é a vanguarda da educação neste país.”

Valter Dias Lopes, dirigente de ensino de Bragança Paulista



OUTRAS PALAVRAS

A pesquisa de Francisco Alves Filho, doutorando da Unicamp, lança luz sobre o jornalismo opinativo, mais precisamente nas apropriações que os articulistas fazem das palavras proferidas por terceiros. Na Teia do Saber, as palavras ressurgem no centro de seu ofício. No projeto, porém, elas não são classificadas e catalogadas, não se encaixam em manuais teóricos. Francisco está mais interessado na metodologia, em mostrar aos professores de Bragança Paulista a importância do “saber ler”.

A lapidação das palavras e de seus respectivos significados, feita por meio da leitura de jornais e revistas, resulta no objetivo de sua assessoria: mais importante do que saber escrever, é entender aquilo que está escrito. Francisco mostra-se incansável na tarefa que, sabe, é antes de tudo prática – senta ao lado dos professores e diz o que falta, o que está de acordo, aquilo que pode ser aperfeiçoado. Um exercício sem fim, baseado na interação. Francisco não está interessado no veredicto, na palavra final. O que ele faz é colocar os professores na condição de mediadores de um processo no qual o aluno é o maior beneficiado.



ZELANDO

Dalva Maria Alves Pinto, integrante da comissão organizadora da Teia do Saber em Bragança Paulista, vê como extremamente necessária a formação continuada dos professores da rede estadual de ensino. Professora há 30 anos, Dalva zela, todos os sábados, pelo pleno funcionamento do projeto, fazendo a ponte entre seus colegas e a Diretoria de Ensino.



RODA MUNDO, RODA PIÃO

Maria Inês Specie, professora de história da Escola Franco Craveiro, no município de Socorro, considerou “maravilhoso” o conteúdo da Teia do Saber. Teve a oportunidade de trabalhar com ferramentas diferentes, entre as quais as transparências com imagens que habitualmente não estão presentes nos livros didáticos.

A Era Vargas, por exemplo, ganhou novos contornos na sala de aula. As novidades não param na parte imagética. A música “Roda Viva”, de Chico Buarque, por exemplo, foi trabalhada pela professora. E o retorno? Maria Inês não deixa margem para dúvida: “Os alunos gostaram muito”.



NOVA LEITURA

Doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Adriane Sartori investiga as bases pedagógicas e epistemológicas da progressão curricular que envolve o ensino de língua portuguesa. Por conta disso, ela e os professores vêm buscando soluções que fogem da receita pronta, direcionando o foco para o campo da compreensão da leitura. Para Adriane, os alunos saem da escola sem saber ler. Os resultados, na avaliação da professora, têm começado a aparecer.



NOVO OLHAR

Professora de História da Escola Araci Bueno Conti, Atibaia, Elke Sakaki de Araújo aprendeu novos conceitos com os professores da Unicamp, muitos deles aplicados na sala de aula. “Passei a enxergar as coisas de uma forma mais prática e abrangente. As aulas estão sendo complementadas com recursos audiovisuais que despertam, nos alunos, a vontade de aprender”.



MAPEANDO

Na opinião do professor Paulo Miceli, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, é uma obrigação da universidade pública “sair do seu umbigo” e servir a sociedade. O docente acredita que não tem sentido todo o conhecimento que não se finaliza no ensino, sobretudo para a escola pública de ensino médio e fundamental. “Se não fizer isso, a universidade se esvazia em seus objetivos”.

Miceli, que lançou mão da cartografia em seu curso, constatou que os professores ficaram entusiasmados com as aulas, até porque se sentiram valorizados. “Eles são menosprezados pelas políticas públicas, são vistos como secundários pelo Estado. Um projeto como a Teia do Saber desperta o interesse”.

EM QUADRINHOS

Histórias em quadrinhos e charges utilizadas como ferramenta de ensino atraíram o interesse dos alunos da E.E. José Guilherme, em Bragança Paulista. “Foi um trabalho muito rico”, revela a professora Ana Cristina Fermino, que buscou na experiência uma forma de aproximar o estudante da escola, local visto por muitos jovens como ultrapassado. “O apelo externo é muito grande, é difícil cativar os adolescentes. Por isso, precisamos diversificar e adotar novas estratégias”.

Por meio de painéis, foram abordados temas como sexualidade, adolescência, drogas, entre outros. O resultado, de acordo com Ana Cristina, foi muito interessante. “Esse foi um dos aspectos positivos da Teia do Saber, que prega a importância de variar os assuntos na sala de aula. Os estudantes ganharam voz e debateram os assuntos”.

A professora Maria Helena Pereira da Silva, que também usou tirinhas de HQs em sala de aula, confirma o sucesso da iniciativa. “O humor está presente, os alunos colocam a criatividade em prática. Fiquei encantada com as observações feitas por eles, que ‘viajaram’ e mostraram uma construção diferenciada de mundo”.

O sucesso da empreitada não significa o endosso de tudo que vem por parte dos estudantes. Maria Helena defende uma análise mais acurada do material produzido pelos jovens. “Não podemos aceitar tudo, não é por aí”, prega a professora, que chega a sortear, na sala, revistas compradas por ela. “Muitos alunos mal conseguiam escrever o nome. O progresso foi visível”.

“Hoje, meus alunos da terceira série conseguem ler e entender charges”, testemunha Maria Aparecida Zago de Souza, professora da E.E. José Pires Alvim, em Atibaia. O progresso foi tão grande, que os estudantes, alguns oriundos de favelas, fazem sozinhos a interpretação das imagens. Maria Aparecida chega a trocar seus livros antigos por gibis para também trabalhar em sala de aula. “O meu objetivo é primeiramente despertar o interesse para aprendizagem”.



Maria Helena Pereira da Silva



Maria Zago de Souza



Ana Cristina Fermino





FÁBULAS FABULOSAS

De que maneira as fábulas podem contribuir para que os alunos tomem gosto pela leitura? A resposta está no trabalho desenvolvido pela professora Sonia Imaculada Bueno, da E.E. Coronel Olímpio Gonçalves dos Reis, a mais antiga do município de Socorro. “Os estudantes aprenderam a interpretar os textos e apreciar os valores contidos nas fábulas, desenvolvendo a oralidade e a escrita. Antes, eles não colocavam sequer a pontuação. Hoje, não só aprenderam a escrever, como também apreciam o que estão lendo”.

Sonia (à esquerda) trabalhou com a fábula infantil “O gato malhado e a andorinha sinhá”, de Jorge Amado. A proposta era que os alunos reescrevessem o texto, incorporando vários temas de interesse jornalístico, entre eles, aqueles ligados à política, economia e esporte. O encerramento do projeto aconteceu no Teatro Imprensa, em São Paulo, onde os alunos das quartas-séries assistiram à peça sobre a fábula. “Atingi meu objetivo, que foi o de despertar o gosto pela leitura”.



Fotos: Alex Matos



Divulgação





Diretoria de Ensino de Campinas Leste



CIDADES

Campinas e Jaguariúna

CURSOS

Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia, Física/Química/Biologia e Ler para Aprender

848 professores capacitados **84** escolas participantes **2.240** horas/aula

Números referentes aos anos de 2003 e 2004



Aula da Teia do Saber na Faculdade de Educação da Unicamp; na página anterior, professores no campus de Barão Geraldo



AVENTURA

Na avaliação da dirigente Célia Maria Ferreira, a participação da Unicamp na Teia do Saber tem um peso importante para os professores da Diretoria de Ensino de Campinas Leste, muitos deles oriundos de pequenas cidades e formados em instituições particulares. “Os professores querem ter contato com pesquisadores de nome e gabarito. Para eles, trata-se de uma aventura nova”.

Os resultados já começaram a aparecer. Muitos dos participantes que freqüentaram a edição de 2003 optaram por continuar no projeto. “A avaliação é muito positiva”, opina Célia, que é responsável pela diretoria desde 2001 e supervisiona também escolas municipais e particulares.

A ESCRITA

O hábito de escrever entre os professores da rede é uma atribuição que fica praticamente restrita aos professores de Português. A passagem da Teia do Saber pelas escolas da Diretoria de Ensino de Campinas Leste mudou essa realidade, fazendo com que professores de outras áreas do conhecimento começassem a redigir. Este é apenas um dos pontos positivos colocados pela gestora da Teia do Saber, Maria Aparecida Muccilo, no balanço do projeto. A professora tem experiência na área. Deu aula de Língua Portuguesa durante 12 anos na rede de ensino. “É fundamental a capacitação do leitor, seja ele aluno ou professor”.

Na avaliação de Maria Aparecida, a Teia do Saber também despertou no professor da rede a vontade de retornar aos bancos escolares. Neste ponto, por ser um centro de excelência, o papel da Unicamp foi importante. “Trata-se de uma vitória. Muitos professores pretendem fazer mestrado na Universidade. Eles perceberam que existe um canal aberto a ser desbravado”.

Na esfera da rede, constatou-se também mudança no dia-a-dia dos participantes. Aqueles

que fizeram capacitação nas áreas de Química/Física/Biologia passaram a usar os laboratórios com mais frequência.

O alcance das mudanças, porém, não se limitou à rede estadual, já que muitos professores ministram aulas também na rede municipal. “Os professores sentiram necessidade de repensar a sua didática. A Teia do Saber foi muito positiva nesse sentido”.



TRÊS DEPOIMENTOS



“Partimos da construção do sentido para chegar nas convenções. Quando o professor faz a reflexão, ele sabe aonde está e quer chegar. A participação da Unicamp é muito boa porque permite que os professores entrem em contato com a pesquisa produzida na Universidade. Esses cursos da Teia do Saber servem, então, como alimentador dessa prática. Ao mesmo tempo em que a Universidade devolve algo, ela recebe. A experiência está sendo muito interessante.”

João Beneilson Maia Gatinho

Doutorando do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp



“Fiz em 2003 e voltei. Estou cursando também o projeto Letra e Vida, da Secretaria Estadual da Educação. Tudo está em sintonia. Basta prestar atenção para perceber que teremos muitas mudanças. E para melhor.”

Verônica Amaro Rocha Afonso

Professora da E.E. Vitório José Antonio Zamarion (Jardim São Bento)



“Este é o meu primeiro ano, pois não sou efetiva. Tudo foi uma novidade. Estou conseguindo aplicar o que aprendi em sala de aula. Peguei os textos, repassei-os aos alunos e surtiu efeito. Uma de minhas alunas da 4a série, por exemplo, foi a ganhadora de um concurso de redação de uma loja da cidade. A surpresa é que ela não estava sequer entre as melhores da classe.”

Sandra Mara Souza Teixeira

Professora da E.E. Consuelo Freire Brandão (Jardim do Lago)

A CONSTRUÇÃO DO SABER

Em agosto de 2004, a funcionária pública Dulcinéia Aparecida Ribeiro percebeu que havia algo diferente na E.E. 31 de Março. Responsável pela biblioteca da escola, localizada no Jardim Santa Mônica, em Campinas, Dulcinéia sempre defendeu uma reformulação do local, mas fazia uma pregação solitária. Faltava o apoio de instâncias superiores, a começar da direção do estabelecimento. As mudanças eram pontuais, quase cosméticas.

Em agosto de 2004, a entrada em cena da vice-diretora Mônica Maria Augusti deu início à arrancada. “A direção passou a dar mais importância às minhas reivindicações. De repente, funcionários foram recrutados para auxiliar nas mudanças e nas obras necessárias”, testemunha Dulcinéia.

Mas o que desencadeou essa mudança de mentalidade? A Teia do Saber, nas palavras de Mônica, desempenhou um papel importante, para não dizer seminal. Foi a partir dos cursos de capacitação que a vice-diretora descobriu que era possível fazer da biblioteca um lugar prazeroso. “A troca de experiências com os professores foi fundamental. Comecei a enxergar os textos de uma outra maneira, descobri que não é só a leitura pela leitura”.

A biblioteca, conhecida também como sala de leitura, logo se transformou em local privile-

giado. Todos os alunos querem pelo menos dar uma passada pelo ambiente, que reúne um acervo de cinco mil livros. Outro aspecto destacado por Mônica é o zelo dos estudantes com o patrimônio. Uma aluna, por exemplo, se dispôs a confeccionar uma cortina para a biblioteca.

Para facilitar o acesso dos alunos aos livros, Mônica adotou uma fórmula nem sempre posta em prática pelas instituições de ensino – disponibilizou todos os títulos pertencentes ao acervo. “Na maioria das escolas, os livros são trancados a sete chaves. Aqui, não. Os alunos descobriram que as obras pertencem a eles”.





Dulcinéia Aparecida Ribeiro e Mônica Maria Augusti





Diretoria de Ensino de Campinas Oeste



CIDADES

Campinas, Valinhos e Vinhedo

CURSOS

Língua Portuguesa/Literatura, Ler para Aprender, Física/Química e Biologia, Matemática e História/Geografia

1092 professores capacitados **89** escolas participantes **2.720** horas/aula

Números referentes aos anos de 2003 e 2004



Apresentação do grupo de teatro "O Santo", no gramado da Faculdade de Educação da Unicamp



ADESÃO MACIÇA

Na opinião da gestora do programa em Campinas Oeste, Silvana Pinotti Rizk, o fato mais marcante da Teia do Saber foi a adesão massiva de professores de 1ª a 4ª séries ao projeto. Segundo Silvana, a procura chegou a ser muito maior do que a demanda, já que muitos professores – boa parte sem curso superior – jamais tiveram oportunidade de ter contato com a Universidade. Outro ponto destacado pela professora foi a abertura, por parte da Unicamp, de um canal direto com os gestores. “Isso foi muito importante para corrigir eventuais desvios programáticos”.



UM PRIVILÉGIO

“É formidável fazer com que os professores voltem aos bancos escolares. Precisamos da universidade para ajudar na capacitação dos professores, que têm sede de saber e passam a ter contato com o conhecimento e onde ele está sendo elaborado.

É um privilégio estarmos tão próximos da Unicamp, cujos docentes tiveram uma boa vontade muito grande em ensinar. Foram formatados cursos de acordo com a nossa necessidade, de acordo com o que foi pedido. Outras universidades públicas não demonstraram interesse em participar, ao contrário da Unicamp.

Além de tudo, o contato com a Universidade abriu um canal que renderá projetos de mestrado e de doutorado. É mais uma porta aberta pelo contato entre os participantes da Teia e os professores da Unicamp.”

Antônio Admir Schiavo, dirigente de ensino de Campinas Oeste

NA FEBEM

O trabalho da professora Lúcia do Prado Souza difere muito daquele desenvolvido por seus colegas. Lúcia dá aulas para 1ª a 4ª séries, durante 20 horas por semana, para adolescentes internos de uma unidade da Febem em Campinas, tarefa que ela considera “gratificante”. “É uma maneira de contribuir para a inserção dos jovens na sociedade”. Para exercer o seu ofício, a professora se transforma: desempenha o papel de psicóloga e de mãe dos garotos, muitos deles abandonados por suas famílias.

Não reclama de trabalhar muitas vezes sob pressão, até por ter tido experiência semelhante em um presídio de Hortolândia. “Muitos professores não agüentam e desistem no meio do caminho. Nunca tive problemas. Depois que passam a confiar em você, os internos acabam se abrindo”, testemunha Lúcia, que aplica, na Febem, o conteúdo adquirido na Teia do Saber. “Tem sido algo muito especial”.

Essa opinião é compartilhada pela professora Maria Amélia Arruda Andrade Silva, companheira de Lúcia há três anos na unidade da Febem. “Não vejo diferença entre os internos e os jovens matriculados em escolas públicas. Muitos deles não cursaram escola e têm defasagem de aprendizagem, mas, se souberem aproveitar a oportunidade, saem de lá formados”.

Na opinião de Maria Amélia Arruda Andrade Silva, as pessoas associam a Febem às rebeliões e à violência, esquecendo-se que as unidades abrigam muitos jovens talentosos, que frequentam um curso regular como o de qualquer escola. “Ninguém está lá por querer. O que eles precisam é de uma oportunidade no mercado. A sociedade precisa dar essa oportunidade”.



Lúcia Helena do Prado Souza



Maria Amélia Arruda Andrade Silva





CIDADANIA

A professora Márcia Regina Doque (à esquerda) desenvolve projetos voltados aos jovens internos na Unidade de Internação Provisória (UIP) do Jardim Amazonas, em Campinas. Um deles, denominado “Educação e Cidadania”, aborda temas como família, trabalho, justiça, educação e saúde. Parte das experiências da Teia do Saber foi repassada aos seus colegas de unidade.

Embora o espaço fosse pequeno, Márcia tomou a iniciativa de implantar uma biblioteca na UIP. Às segundas-feiras, para ficar num exemplo, a professora promove sessões de leitura. “Os jovens gostam de ler. Estamos levando muitas coisas da Teia para eles. O negócio é fazer acontecer na própria unidade, embora o espaço seja diminuto”.





O CORPO

A doutoranda Eliana Kefalas Oliveira (abaixo), do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, desenvolve trabalho que estabelece a relação entre o corpo e a palavra, entre a leitura e a expressão corporal. A pesquisadora tenta mostrar como a leitura pode ser explorada tanto no som, como no corpo. “Na minha opinião, a leitura é um lugar de transformação do sujeito”.

Boa parte desses conceitos foi aplicada no curso “Ler para Aprender”, oferecido na Teia do Saber. Eliana comemorou o fato de a receptividade ter sido grande. “Não houve resistência ao conteúdo do curso. Uma pesquisa não pode ficar presa à sua vida. Esse tipo de trabalho precisa se tornar público”.





ESPECIAL

A professora Rosa Maria Martins trabalha há mais de duas décadas junto a alunos com necessidades especiais. Hoje lotada na E.E. Dom Barreto, em Campinas, Rosa gosta muito do que faz, sobretudo pela oportunidade que tem de incluir as crianças em cursos regulares. “É como uma flor que está desabrochando. Elas têm mais dificuldades de aprender, mas sempre acabam acompanhando as demais”.

A participação na Teia do Saber fez com que Rosa adotasse, na sala de aula, dinâmicas usadas no projeto. “Foi uma transformação. Ajudou muito no meu aperfeiçoamento e na minha relação com os alunos”.



UM DEPOIMENTO

“Gostaria de ressaltar que a experiência demonstra, de uma maneira bastante objetiva, para os docentes da Unicamp, que os professores do ensino fundamental e do ensino médio, que são os principais interlocutores da Teia do Saber, apresentam um desejo muito grande de se aprimorar por meio dos seus contatos com a Universidade.

Nós devemos não só fazer essa experiência sazonal, mas realmente dar continuidade a esse processo. Somente essa experiência de 80 horas me parece não bastar a esse professor. Não que ela não faça avançar as competências, os conhecimentos, mas me parece que esse pessoal quer continuar somando outros cursos mais à frente, até no sentido de se conseguir uma titulação de especialista. Muitos deles, inclusive, querem até fazer uma pós-graduação na Unicamp.

Por outro lado, não há dúvida nenhuma de que essas duas competências básicas, que é o “ler” e o “escrever”, que possibilitam outras experiências, como o estudar e o pesquisar, estão realmente bastante abaladas, não só em função de uma formação básica muito ligeira, como também pela vida desses professores, que é muito corrida.

A Unicamp, em termos dos seus institutos, possui um quadro de doutores e de pesquisas que precisam retornar às comunidades, sobretudo às de professores, para ser refletida, debatida e intercambiada. A Unicamp, certamente, vem correspondendo a essa demanda através dos chamados *pregões*. Acho que ela tem que entrar com muita dignidade nesse processo, sabendo que aquilo que ela faz nesses muros é muito melhor do que é proposto por outras universidades desse país.”

Ezequiel Teodoro da Silva, professor da Faculdade de Educação da Unicamp







Cidades

Indaiatuba, Monte Mor, Capivari, Rafard, Mombuca,
Elias Fausto e Rio das Pedras

63 professores
capacitados

54 escolas
participantes

Cursos

Física/Química e Biologia, Língua Portuguesa/Literatura e
História e Geografia

160 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004

A ALMA DA ESCOLA

“ Os professores da região gostaram muito da Teia do Saber. Os docentes da Unicamp são maravilhosos, desenvolvem um trabalho muito bom. É gratificante perceber que você cresce depois de freqüentar as aulas. Fizemos a opção pelo curso “Ler para Aprender” porque temos dificuldades na escrita e na interpretação de texto. Não fizemos ainda o balanço final, mas constatamos que houve melhora.



O professor tem que estar motivado, pois é a alma da escola. Seu desafio é muito grande. A escola pública não é fácil, é preciso ter muito amor. Sentimos que a Secretaria de Educação acredita no nosso trabalho, o que não deixa de ser bom, já que estávamos com a auto-estima muito baixa.

Acredito que apenas por intermédio da escola pública é possível atenuar os efeitos da desigualdade social. Pode até ser utopia, mas, no fundo, temos essa esperança. O que não pode acontecer é deixar a criança abandonar os estudos. Todo ser humano deveria ao menos cursar até o ensino médio.

Outra questão importante é a inclusão social. Na escola, a criança aceita o negro, o deficiente, o pobre... Quem não aceita é o adulto. A escola é tudo isso. Se você fica de baixo astral, basta entrar no clima dela que tudo desaparece. Não tenho dúvida de que é o professor quem vai dar uma virada nesse jogo. Por isso, o investimento nas capacitações. O conhecimento é essencial.

Sua relação com o aluno precisa ser construída com muito amor. Quem não se lembra do primeiro professor? Você se espelha nele, não esquece. Uma criança de sete anos acredita mais na professora do que na própria mãe. É incrível! Temos professores que tiram criança da rua. Não há dinheiro que pague isso.”

Zilma Gomes Santana, dirigente de ensino de Capivari







O ESCULTOR

No processo de licitação para a escolha da instituição que atuaria em Capivari na Teia do Saber, a Unicamp foi a única que compareceu. E o resultado, na avaliação da gestora do projeto, Edna Avanci Pagotto, não poderia ter sido melhor. “Foi muito proveitoso, os docentes desenvolveram um trabalho de muita qualidade”.

Na opinião de Edna, o exercício do magistério não é exatamente um mar de rosas. Para exemplificar, citou o caso de um professor substituto que também acumula o ofício de servente de pedreiro. Nesse âmbito, a gestora lembra que a realidade enfrentada é árdua. “Se for pensar na remuneração, o professor abandona a profissão. Quando entramos na sala de aula, porém, assumimos com afinco a nossa tarefa de educador”.

Em um escrito de sua autoria, intitulado “Educador – Escultor de Si Mesmo”, Edna lembra que “...se faz necessário valorizar cada vez mais os artistas dos quais se exige a árdua tarefa de uma educação de qualidade, oferecendo-lhes para isso sempre o melhor dos ateliês. E valorização profissional – questão *sine qua non* para o surgimento de valiosíssimas obras de arte. Que a tessitura da Teia do Saber continue... porque transformar é sempre possível!!!”



OUTRAS PALAVRAS

As aulas da Teia do Saber fizeram com que Márcia Cristina Dias, professora de Matemática da E.E. Cônego Cyríaco, em Monte Mor, adotasse uma nova postura em sala de aula. Antes, ela lia em voz alta os enunciados dos problemas para os alunos, que faziam o cálculo. Hoje, as coisas mudaram. Os jovens, de 6ª e 8ª séries, passaram a ler o exercício.

“Muitos não queriam participar porque não conseguiam ler. Eles não compreendiam o enunciado e, conseqüentemente, não tinham raciocínio para efetuar as quatro operações. Depois que passei a adotar a leitura e a releitura do contexto, a situação mudou”. Na opinião de Márcia, embora seja “um despertar lento”, o fato em si já é uma “grande vitória”. “Pode parecer pequeno, mas, para mim, é muito importante”.



O POEMA

A professora de Inglês Rosemeire Aparecida Ramos Silveira, da E.E. Padre Fabiano, em Capivari, lançou um desafio aos seus alunos: finalizar um poema. “Trata-se de uma dinâmica aprendida na Teia do Saber. Nunca tinha feito de colocar um texto e esperar que eles sugerissem o desfecho. O resultado foi muito bom”.



Vista parcial da cidade de Capivari



Igreja na região central de Monte Mor



Garotos em praça no centro de Monte Mor



DEBATES

Edson Almeida Flor, professor de Filosofia da E.E. Padre Fabiano, desenvolveu um projeto que incentivava seus alunos a participar da política. Elaborada com base no curso da Teia do Saber, a iniciativa foi qualificada de “muito interessante” por Edson. “Os alunos não gostam de ler. A partir de pequenos textos, consegui não só despertar o interesse dos estudantes, como também promovi debates sobre temas como amor e sexualidade, além de política”.



HAICAI

Luzia de Cássia Cezarino, professora substituta de Português, usou o haicai para envolver crianças de 3ª série no hábito da leitura. “Levei-os até um sítio, onde trabalharam os poemas. Depois de colocá-los em exposição, eles fizeram desenhos a partir da vivência. O rendimento da dinâmica foi ótimo”.





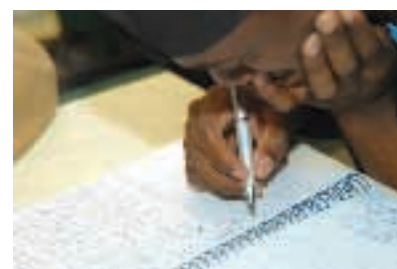
PONTO DE ENCONTRO

Vânia Aparecida Rozineli Batagin é coordenadora da E.E. Bispo Dom Mateus, em Mombuca, município de 3,1 mil habitantes. A professora é, antes de tudo, uma apaixonada por aquilo que faz. A escola onde dá aula de História é a única do município, tornando-se, nas palavras da própria Vânia, o único elo dos alunos com o mundo exterior.

A maioria dos alunos reside e trabalha na zona rural, boa parte dela tomada por plantações de cana-de-açúcar. “A escola é o nosso ponto de encontro. É ela que nos coloca em contato com o mundo. Tudo gira em torno dela”, testemunha Vânia.

E foi nesta escola que a professora desenvolveu um projeto depois que cursou a Teia do Saber; para ela, uma experiência em que se sentiu acolhida de uma maneira “bárbara”. “O tratamento dispensado pelos professores da Unicamp foi de coleguismo, amizade”, revela a professora, que na escola toma conta de uma biblioteca que soma seis mil títulos. “Na Teia, brincamos com a leitura, todo mundo interpretou, quebraram-se barreiras”.

Na volta para a escola, a professora montou um projeto visando o letramento e a alfabetização. Seus planos incluem, entre outras coisas, o trabalho da leitura sob diversos formatos: música, teatro, receita, bula, oração etc. “Quero, primeiramente, que eles leiam aquilo que desejam para, depois, apresentarem”, revela.





Diretoria de Ensino de Itapetininga



CIDADES

Alambari, Angatuba, Campina do Monte Alegre, Guareí, Itapetininga, Paranapanema, São Miguel Arcanjo, Sarapuí e Tatuí

25 professores
capacitados

70 escolas
participantes

CURSOS

Física/Química e Biologia

80 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Estudantes participam do Programa Escola da Família na E.E. Darci Vieira; na página anterior, fachada da centenária E.E. Peixoto Gomide



A professora Eni Bera Gomes Bizarra, diretora do Cefam; ao fundo, trabalho feito por alunos



QUALIDADE

A dirigente Isabel Cristina Pires de Campos se dedicou durante dez anos à formação de professores. Atualmente como dirigente – assumiu no início de 2004 –, Isabel tenta vencer os desafios administrativos da educação. “É preciso uma assessoria muito boa, pois são assuntos diversificados a cada dia. Nada se repete”.

Para a dirigente, o conteúdo oferecido pelos professores da Unicamp deu congruência às ações da Teia do Saber, sobretudo no terreno da qualificação dos docentes e das novas metodologias. O projeto trouxe qualidade no trabalho que se produz.

Antes da iniciativa, os professores contavam apenas com as oficinas pedagógicas oferecidas pela Diretoria. Em 2003, por exemplo, ano em que teve início o programa de formação continuada, as áreas de Física, Química e Biologia não foram contempladas porque não havia faculdade local que pudesse oferecê-las. “A Unicamp para nós foi uma porta aberta e só nos trouxe vantagens”.



SONHO

A gestora da Teia do Saber, professora Elza Maria Bernardes Zanolli, entende que a formação continuada do professor é essencial para o bom desempenho profissional. “Ele tem que estar se atualizando e inovando”. Por isso, o programa cumpre a função de atender a antigas reivindicações dos professores. Outro aspecto é a Unicamp poder oferecer os módulos. “É o sonho do professor. Mas a distância impede que ele frequente os laboratórios da Universidade”. Muitos professores já percorrem, em média, 50 quilômetros para fazer o curso em Itapetininga.



NA PRÁTICA

Explicar aos alunos o funcionamento de um pára-raio a partir de materiais prosaicos, entre os quais canudinhos, cartolina e régua. Foi o que fez o professor de Física Fábio César de Meira com base em noções obtidas na Teia do Saber. “As aulas ficaram mais interessantes”, revela Meira, professor da única escola estadual de Campina do Monte Alegre. Para frequentar as aulas aos sábados, em Itapetininga, Meira percorre aproximadamente 65 quilômetros. “Estou gostando, vale o sacrifício”.



FORA DO NINHO

Para Vera Nisaka Solferini, professora do Instituto de Biologia da Unicamp e estreante no programa, é importante sair do “ninho” e conhecer outra realidade. “Sentimos na pele o que é mais fácil e mais difícil no cotidiano dos professores da rede”, revela Vera, que trabalhou a base conceitual do DNA.



INTERDISCIPLINAR

Formado em Física, o professor Wladimir de Oliveira da E.E. Peixoto Gomide, de Itapetininga, entusiasmou-se com o conteúdo interdisciplinar dos cursos da Teia do Saber. Oliveira aprofundou a integração dos conhecimentos nas áreas Biologia, Química, História, Geografia e Matemática. O conteúdo, qualificado de enriquecedor pelo docente, foi repassado aos alunos.



O ELO

Otacílio Carlos Dias Filho, professor da E.E. Ernesto Xavier Ribeiro Orsi de Itapetininga, considerou importante as informações recebidas a respeito do elo entre a Matemática e outras disciplinas. Foi com base nelas que aprendeu, entre outras coisas, a explorar todas as possibilidades do microscópio.



CONQUISTA

Um curso realista, com propostas “pés no chão”. A definição é da professora Flávia Juiz Leite, para quem a Teia do Saber foi uma conquista para os docentes. Flávia é assistente técnico pedagógico de Ciências. Ela destaca a integração das disciplinas. “Trata-se de uma novidade, já que sempre aprendemos de uma forma muito compartimentada”.



CARTÃO POSTAL

O político Peixoto Gomide (1849-1906) costumava caçar perdizes em Itapetininga. O ar puro e a qualidade de vida do município acabaram por cativar um dos políticos mais influentes da época. Em Itapetininga, Gomide, utilizando-se da influência junto à presidência da República, conseguiu viabilizar o funcionamento da primeira escola normal do Estado de São Paulo. Doou o terreno e durante muitos anos a escola foi referência nacional na formação de professores. Alunos vinham até mesmo do exterior para se transformar em importantes educadores do país.

Concebida pelo arquiteto Francisco Paula Ramos de Azevedo e ladeada por outras duas escolas – E.E. Adherbal de Paula Ferreira e E.E. Fernando Prestes –, a E.E. Peixoto Gomide é um dos cartões postais da cidade.



NO MUNDO

Na definição de Antonio Machado Pontes, coordenador da Associação de Ensino de Itapetininga – instituição que participa com a Unicamp da formação continuada dos professores da rede de ensino –, as aulas dos cursos da Teia são “espetaculares”. Isso porque os professores da Unicamp não trabalham com materiais “tirados de outras galáxias”. Pontes carrega em seu currículo vários anos de dedicação à educação. Aprendeu a ouvir as carências dos professores e suas aspirações. “O professor se sacrifica muito para estar aqui. Deixa de lado o lazer e a família. Esta oportunidade é muito importante para ele”.







CIDADES

Campo Limpo Paulista, Itatiba, Itupeva, Jarinu, Jundiá,
Louveira e Várzea Paulista

81 professores
capacitados

74 escolas
participantes

CURSOS

Geografia/História, Matemática e Ler para Aprender

360 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Vista aérea da região central de Jundiaí



DE VOLTA

Na opinião do dirigente Onofre Martins, o aspecto mais importante da Teia do Saber é a volta do professor aos bancos escolares. “Muitos se formaram há mais de 20 anos e voltar ao ambiente da Universidade é muito produtivo. Motiva”. Para ele, o projeto propicia o contato com metodologias modernas, fazendo com que o professor resgate sua auto-estima e se sinta mais seguro em sala de aula.

Martins já passou por outras diretorias de ensino e diz que encontrou em Jundiaí uma região tranqüila. “Muitos alunos já trazem formação humana familiar. A comunidade é bastante participativa nas atividades da escola”. Para ele, educação se faz com a participação da comunidade.



DINAMISMO E DIVERSIDADE

A participação dos professores na Teia do Saber trouxe dinamismo e diversidade na prática pedagógica, na avaliação feita pela gestora Dalva de Oliveira Soares da Costa. Professora de História e Geografia, Dalva, por 12 anos, esteve em contato direto com os alunos. Em sua opinião, o professor sempre almeja inovar na forma de ensinar e, principalmente, de conquistar o aluno.



TOQUE

A professora Sonia Maria Correa Manjolin não é de esconder suas emoções. Revela, por exemplo, que chorou nas aulas de pedagogia do afeto, nas quais o foco é o toque físico. “Isso levanta nossa auto-estima. É disso que o professor precisa”. Sonia espera cada aula da Teia do Saber com a expectativa de que terá oportunidades de passar as emoções vividas para os alunos.

UM DEPOIMENTO

“Esse pessoal é muito querido. É besteira imaginar que o professor da rede pública é um desiludido. Eles deram um show de participação na Teia do Saber.

Trabalhei a questão das relações interpessoais e afetivas, nas quais entram diversos tipos de toques. O toque físico tem várias modalidades. O terapêutico, por exemplo, adotado pelo pessoal da enfermagem, ativa o sistema imunológico. Já o toque afetivo libera as endorfinas produzidas pelo corpo, gera bem-estar. Somos seres sociais, precisamos do toque.

A cultura acadêmica enfatiza muito o cognitivo. O afetivo e o emocional foram, de uma certa maneira, deixados de lado. As crianças estão sem limites, violentas, indisciplinadas. Apenas entulhar a cabeça de conhecimentos já não é tão necessário. É preciso dar formação, educação, trabalhar o emocional e o afetivo. Para isso, não é preciso ignorar o cognitivo.

De acordo com um relatório da ONU para o terceiro milênio, a educação de hoje é pautada por quatro princípios: aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer; e aprender a conviver. Eu trabalho nessa linha. Precisamos do afetivo, do cognitivo e do interpessoal. Não há como fugir disso.

Não adianta apenas o conhecimento. Isso cansa, entedia. Muitas das escolas têm apenas giz e lousa. No ambiente externo, o aluno dispõe de videogame, cinema e outros atrativos. Por isso é preciso tornar o aprendizado dinâmico.

Nesse âmbito, a participação da Unicamp é produtiva para ambos os lados. Você não apenas ensina, como também aprende. Há um ditado que diz que aprende quem ensina.”

Carlos França, professor da Faculdade de Educação da Unicamp, onde atua há mais de 33 anos





MÃO DUPLA

Amadeo Carlos Taborda Cristóvão acredita que os professores da Unicamp estão promovendo uma revolução na metodologia de ensino no âmbito da Teia do Saber. Lembra o exemplo da professora que trouxe um projeto sobre caixa de memórias e dispôs jornais, revistas e livros no chão e de outro docente que deitou no chão para exemplificar uma situação. Professor de História, ele compara a tarefa de professor à de um pedreiro. “Preciso ter consciência de cada tijolo que coloco”. Cristóvão tem a convicção de que é necessário repassar aos alunos cada conteúdo aprendido.



IMAGENS

Marco Antonio Leandro Barzano, doutorando da Faculdade de Educação da Unicamp, desenvolveu um trabalho sobre a perspectiva estética das imagens. Montou com os alunos uma mostra fotográfica a partir de imagens retiradas de jornais, revistas e quadros. Barzano considerou enriquecedora a troca de informações com os professores da rede estadual. Docente na Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, ele procura aproveitar o máximo esse contato com a realidade da escola pública no Estado de São Paulo. “A experiência que eles trazem é muito boa”.

NECESSIDADE IMPERIOSA



A Faculdade de Educação da Unicamp foi a anfitriã de 11 turmas para um dos cursos mais solicitados na Teia do Saber – o Ler para Aprender. A FE recebeu turmas de Jundiaí, Capivari, Sumaré, Campinas Leste e Oeste. Para a organização de toda engrenagem, o professor Vicente Rodrigues, na coordenadoria de Extensão da Faculdade desde 2002, contou com a experiência adquirida à frente de projetos na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

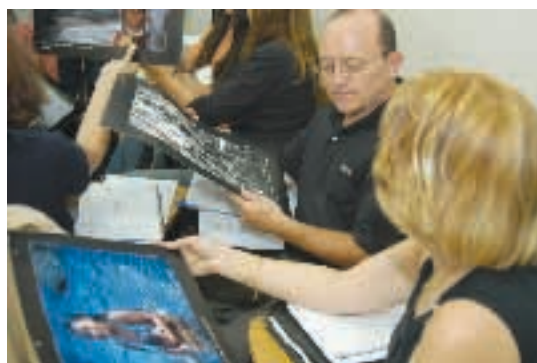
Qual a importância da Teia do Saber?

Vicente Rodrigues – Conseguimos um avanço importante: a maioria dos professores não só compartilharam as salas de aulas e tomaram contato com conhecimentos novos e linhas de pesquisa, como foram permanentemente incitados – através de apresentação de teatro, recitais musicais, feiras de livros, conferências e encontros – a buscar amplitude e novos horizontes na sua formação e na necessidade de incluir novas perspectivas para o ensino brasileiro, que precisa de qualidade. E a qualidade passa pela elevação não só do nível de conhecimento como do nível cultural. A Teia do Saber é uma necessidade imperiosa da sociedade brasileira.

Para o senhor, a educação passa por um período de transição?

Vicente Rodrigues – Temos citações de muitas transformações do ponto de vista histórico – tanto do aspecto produtivo, quanto nas relações sociais –, e evidentemente a escola está sendo muito demandada a responder esses desafios. Ela tem muita necessidade de apoio. É preciso que se preste atenção porque vários dos problemas brasileiros passam por uma boa organização dos conflitos, das disputas e das necessidades de contemplação de interesses sociais que uma boa educação ajuda a equacionar e levar adiante. A escola está em um momento de grandes demandas e a Universidade faz bem em se aproximar para acudi-la e permitir uma discussão nesta direção.







CIDADES

Artur Nogueira, Cordeirópolis, Cosmópolis,
Engenheiro Coelho, Ipeúna, Iracemápolis, Limeira,
Rio Claro e Santa Gertrudes

CURSOS

Física/Química e Biologia, Matemática, Geografia e História

117 professores
capacitados

60 escolas
participantes

240 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



À esquerda e acima, estudantes da E.E. Brasil, em Limeira



Professores desenvolvem projetos no Ceset/Unicamp, em Limeira



DESAFIO

Cleide Moreira, dirigente de ensino de Limeira, entende que o maior desafio da rede estadual é fazer com que as aulas sejam atraentes para os alunos. Nesse contexto, a professora acredita em mudanças pontuais, dentre as quais novas metodologias e soluções que aproximem o aluno do conhecimento passado em sala de aula. “Existe uma defasagem na questão metodológica. Esse é ponto chave da licenciatura”, opina. Assim, Cleide considera que a universidade pode cumprir um papel fundamental para suprir esta lacuna, repassando, aos professores metodologias transformadoras que tornem o conteúdo mais agradável.



ESTRATÉGIAS

Cláudia Scotuzzi, supervisora da Teia do Saber, acredita que o projeto é uma iniciativa importante porque melhora a prática do professor. Na opinião de Cláudia, a partir da avaliação da Unicamp serão redirecionadas as estratégias da formação continuada. “De acordo com depoimentos informais, sabemos que os professores estão gostando. Acho que o futuro será brilhante”.

APRENDIZ

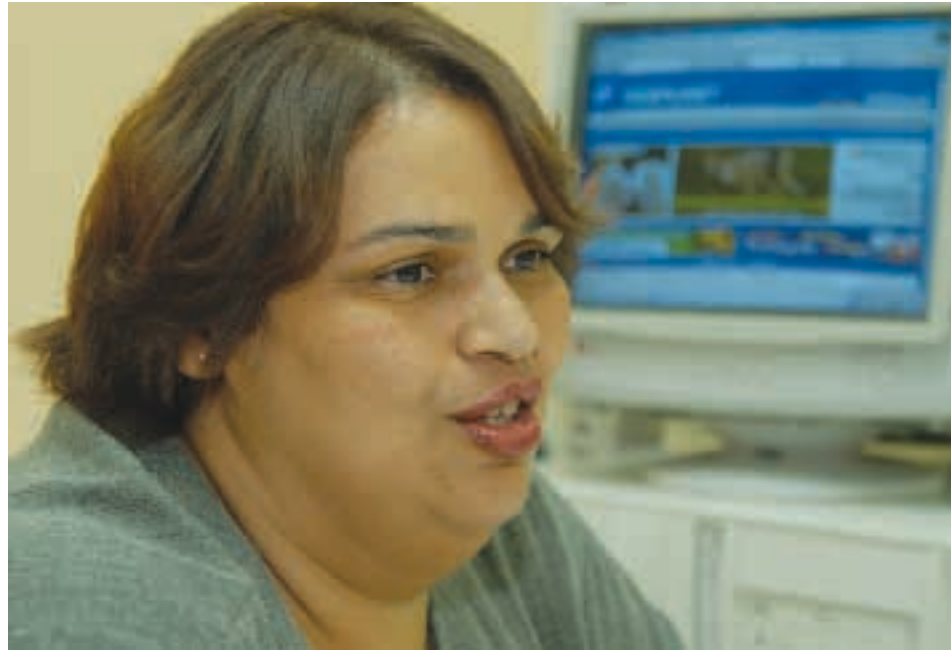


Na opinião de Margarete Piva, coordenadora da E.E. Brasil, o conteúdo da Teia do Saber foi importante por permitir que os professores trabalhem com novas concepções metodológicas. No caso da História, sua área de atuação no magistério, Margarete constatou a importância da utilização de recursos visuais para contextualizar o período estudado. Um exemplo: quais os significados da vestimenta de um determinado rei? “Por intermédio da roupa, é possível estudar as relações de poder na monarquia”, revela. A capacitação abriu os olhos de Margarete para aspectos subestimados no seu dia-a-dia, entre os quais a necessidade de transpor os limites dos livros didáticos. A professora refletiu, por exemplo, sobre a importância da interpretação de um texto. “Trata-se de um trabalho fundamental. É muito melhor para os alunos, que assim deixam de simplesmente decorar o texto”. Margarete se coloca na condição de aprendiz, apesar dos 13 anos no magistério. “No começo da carreira, você imagina ser a detentora do saber. Ao se dar conta da realidade, entretanto, você percebe que, na verdade, aprende com o aluno”.





INTERDISCIPLINARIDADE



Irme Magna Brasil é coordenadora de uma escola com um papel importante na educação limeirense. Nesse âmbito, a Teia do Saber serve para consolidar as mudanças – para melhor – verificadas na E.E. Brasil, estabelecimento com 69 anos. Mais que isso: o projeto abriu o caminho para a interdisciplinaridade e para o aprofundamento do conhecimento, na opinião da professora. Exemplos não faltam. Um plano de estudo para a Química, Biologia e Física, revela Irme, usou experimentos feitos com a jabuticaba, uma fruta conhecida por todos os alunos. A relação entre fermentação, respiração e gás carbônico foi demonstrada a partir de experimentos que lançaram luz sobre processos simples, mas tratados, até então, apenas na teoria.



EXEMPLO

A professora de Matemática Adriana Aparecida Dias aprendeu a lidar com as adversidades desde a infância. Superou muitos obstáculos – desde a sua origem humilde até problemas físicos – para chegar no magistério. Filha de caminhoneiro, Adriana, que cursou duas universidades, teve que trabalhar para sustentar seus estudos. Hoje, dá aulas nas E. E. Catarino Borba e Ari Leite, ambas localizadas na periferia de Limeira, onde não são poucos os alunos que têm problemas em casa. Até – e principalmente – por isso, Adriana é vista por muitos estudantes como um exemplo de superação. Com isso, eles também aprendem a superar as dificuldades que enfrentam pelo caminho.



BRECHAS

Os métodos pouco convencionais de ensino fizeram de Samuel Rocha de Oliveira um dos professores mais populares da Teia do Saber. O docente, do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (IMECC), gosta de “buscar brechas” para ensinar a Matemática. Previsões meteorológicas e escalas musicais estão entre os instrumentos adotados por ele no ensino da Matemática. “Isto é importante para saber o que os professores estão precisando, e o que nós podemos oferecer”.



UMA EXPERIÊNCIA

Matheus Figuinha, pós-graduando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), qualificou de “muito boa” sua experiência na Teia do Saber. Figuinha, que pesquisa sobre Santo Agostinho, procurou desmistificar a visão preconceituosa acerca da Idade Média. “O período não foi só de trevas. Houve avanços tecnológicos importantes”.



O OVO

Um ovo foi o objeto utilizado pelo professor José de Alencar Simoni para explicar fenômenos da Química aos professores da rede de ensino. Docente do Instituto de Química da Unicamp, Simoni fundiu conhecimento e entretenimento.



Aula da Teia do Saber no Centro Superior de Educação Tecnológica da Unicamp (Ceset)



RENASCENDO

Há pouco mais de cinco anos, a E.E. Brasil era o exemplo da decadência. Uma das escolas estaduais mais tradicionais de Limeira, não escapou à crise que deteriorou muitos estabelecimentos tidos como referência. Os problemas não eram poucos: vandalismo, depredações e até tráfico de drogas, embora ninguém os admitisse. As coisas começaram a tomar outro rumo no final de 2001, quando a direção foi mudada e seus três representantes – Irme Brasil, Margarete Piva e Nelson Leme da Silva Júnior – decidiram resgatar o prestígio perdido. Para isso, adotaram uma série de medidas: obrigatoriedade do uso de uniforme, horários rigorosos e sanções disciplinares. A reação, como em todos os casos de mudança, foi grande. Diretores e professores chegaram a ser ameaçados de morte, mas logo a escola reencontraria sua vocação: a de ser um modelo. “A pressão subiu, o estresse bateu, mas temos hoje o orgulho de dizer que fizemos parte dessa história”, testemunha Irme Magna Brasil.







CIDADES

Iguape, Ilha Comprida, Itariri, Juquiá, Miracatu e Pedro de Toledo

CURSOS

Língua Portuguesa, Geografia/História e Matemática

112 professores
capacitados

33 escolas
participantes

240 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004

Foto: Dário Crispim



Maestrina Sandra Gebram da Orquestra Infanto-Juvenil da Unicamp, durante cerimônia de encerramento dos cursos da Teia, em Miracatu; na página anterior, criança na E.E. Indígena da Aldeia Uruity



Alunas durante intervalo na E.E. Pedro Barros, em Miracatu



TRANSFORMAÇÃO

Lourdes Maria Baptista da Costa Silva (à esquerda), dirigente de ensino de Miracatu, conhece como poucos a discriminação sofrida pelo Vale do Ribeira. Na educação, inclusive. Até a Unicamp assumir os cursos da Teia do Saber, por exemplo, o projeto não havia deslanchado na região, vista por ela como “muito carente culturalmente”. Não há cinema, teatro, praça de esportes e equipamentos de lazer. A falta de estrutura, assegura a dirigente, é compensada com a garra e a dedicação dos funcionários.

A ligação de Lourdes com seus subordinados é estreita. Prova disso foi o arroz com palmito preparado por ela no almoço de confraternização da D.E. Tão estreita quanto, é a afinidade que a dirigente tem com as coisas da terra. Criada na zona rural, onde se iniciou na profissão, a professora sabe que no Ribeira as chances que vêm de fora são uma oportunidade rara. “Os professores amaram a Teia do Saber. A grande maioria deles acaba a faculdade e pára de estudar, não busca reciclagem”.

A entrada em cena da Unicamp mudou esse estado de coisas. “Foi muito chique”, comemora Lourdes, para quem “educação é vida e energia”. Talvez por isso Lourdes tenha providenciado transporte e um “lanche reforçado” para os participantes da Teia do Saber. A dirigente sabe que a adesão ao projeto é uma janela que se abre para a transformação.



Almoço de confraternização dos funcionários da D.E. de Miracatu



SEM 'ACHISMO'

A ida dos docentes da Unicamp a Miracatu tirou os professores da região do estado de “inércia mental” em que se encontravam. É o que pensa a supervisora da Teia do Saber em Miracatu, Flávia Catanante, que destaca os desafios propostos pelos cursos oferecidos no programa e o fato de as discussões chegarem ao patamar científico. “Acabou o tempo do ‘achismo’”. Os docentes da Unicamp mostraram que é possível dar uma boa aula e transmitir o conteúdo por meio de metodologia que prenda a atenção do aluno”.

Flávia acredita que o conhecimento adquirido pelos professores que participaram da Teia vai resultar na inclusão escolar e social do aluno, principalmente daquele que não se familiariza com métodos tradicionais de ensino. “O jovem vai ter sua identidade resgatada. Mesmo porque é imensa a riqueza cultural do Vale do Ribeira”.



VITÓRIA

A participação da Unicamp na Teia do Saber foi uma vitória, na opinião de Márcia Regina Castro, gestora do projeto na D.E. de Miracatu, que ressalta o fato de não ter havido abandono ou desistência. “Os professores já estão aplicando as metodologias na sala de aula. Trata-se de um grande começo. Os resultados estão aparecendo e percebe-se que as iniciativas estão chegando na outra ponta, ou seja, nos alunos”.



NA ESTRADA DA VIDA

Da lousa para a boléia, da boléia para a lousa. Agenor Araújo de Oliveira fez de tudo um pouco. Começou sua trajetória profissional como professor de Biologia. Depois, largou o ofício para atravessar o país como motorista de caminhão. Rodou milhares de quilômetros na estrada da vida. Foi comerciante, metalúrgico, vendeu plano de saúde. E, no final, voltou para a escola, de onde não saiu mais desde 1991.

Lotado na E.E. Sebastiana Muniz Teixeira, em Iguape, Agenor acha fantástico o fato de a Unicamp ter levado para Miracatu “conteúdos que não estão prontos”. Na opinião do professor, “a Unicamp incentivou e motivou o pessoal que nunca teve chance de chegar lá”. O professor gostou tanto que não mediu sacrifícios para freqüentar a Teia, voltando às grandes quilometragens do tempo de caminhoneiro. Levantava na madrugada alta e pegava uma balsa para subir no ônibus que o levava a Miracatu. “Não há vitória sem sacrifício”.



HISTÓRICO

Leonel Rebouças Filho (à esquerda), professor de História da E.E. Armando Gonçalves, em Miracatu, contabiliza 17 anos de magistério. Optou por participar da Teia do Saber depois de saber que a Unicamp promoveria os cursos. Na sua opinião, o conhecimento adquirido acrescentou muito à sua bagagem e fez aflorar idéias para desenvolver trabalhos sobre o histórico da região.

VIBRAÇÃO

Wanderlúcia Elizabeth dos Santos, professora de Português da E.E. Armando Gonçalves, não se arrependeu de passar sábados inteiros nos bancos escolares. “O curso foi maravilhoso”. Conseguiu passar para seus alunos do ensino fundamental uma atividade envolvendo um conto de Lygia Fagundes Telles. “Os alunos vibraram”.



Professores do Programa Escola da Família ensinam capoeira na E. E. Jofre Manoel, em Iguape



Nestas duas páginas, cenas da E.E. Indígena da Aldeia Ururity, em Miracatu



NA ALDEIA

A historiadora Ana Lúcia Lara freqüentou a Teia do Saber na condição de supervisora de quatro escolas indígenas, todas guarani, da D.E. de Miracatu. Sua função prevê o acompanhamento e a capacitação de quatro professores, escolhidos pelas comunidades. Ana Lúcia acredita que a Teia chegará em 2005 às aldeias, cujos professores já participaram de um programa de capacitação promovido pela Secretaria de Educação.

“Os professores indígenas só não fizeram a Teia porque não têm curso superior, mas tudo indica que, na próxima edição, vão participar do ‘Ler para Aprender’”. Peculiaridades marcam o universo das aldeias, que sobrevivem do artesanato e da agricultura de subsistência, sobretudo das plantações de mandioca e palmito. Os índios têm um calendário próprio – respeitam a época da plantação e os festejos do Dia do Índio atravessam uma semana inteira. As aulas são bilíngües, num dia os alunos aprendem português e, no outro, tupi-guarani.



À direita, Ana Lúcia em aula da Teia do Saber



Alunas Belvia Marília dos Passos Leite (à direita) e Isabele Passos Durvaesch

NAS ABAS DA IMAGINAÇÃO

Isabele Passos Durvaesch, 12 anos, é quem conta a história. Sua avó não acreditou quando viu a neta tão envolvida com uma atividade de Matemática. Primeiro, porque a matéria nunca esteve entre as preferidas da garota. Depois, por achar estranho que esse súbito interesse pelos conceitos matemáticos estava associado à confecção de bonés. Mas o que o prosaico acessório tem a ver com cálculos e afins? Belvia Marília dos Passos Leite, 11 anos, colega de Isabele, tem a resposta: ela e Isabele aprenderam a trabalhar com medidas, assimilando as figuras geométricas do objeto, entre os quais triângulos e cones.

Para fazer a aba, por exemplo, foram necessários muitos ensaios. “Pegamos os moldes dos bonés, tiramos as medidas e colocamos no papel. Não deu certo. Quando chegamos em casa, refizemos os cálculos com paciência e, após algumas tentativas, conseguimos. Assim, fica fácil aprender Matemática”, comemora Isabele, aluna da professora Maria de Fátima dos Reis Guimarães, prata da casa da E.E. Armando Gonçalves.

A professora de Matemática levou três semanas para introduzir, no programa, conceitos assimilados na Teia do Saber. Maria de Fátima confessa



Aula de Matemática da professora Maria de Fátima dos Reis Guimarães



que, num primeiro momento, ficou receosa com o resultado da novidade. “Deu pânico”, admite, para justificar seu temor em seguida. “O trabalho envolvia uma pesquisa sobre a história do boné, disponível apenas na internet, além da necessidade de se direcionar o aprendizado”. A professora descobriria mais tarde que seus medos eram infundados. “Fiquei encantada com o resultado”.

Maria de Fátima conta que duas meninas da zona rural, que na sala de aula não interagiam e mal conseguiam se expressar, foram as primeiras a entregar o trabalho. Com exceção das costuras necessárias, as garotas fizeram tudo sozinhas. “Constatei que as meninas se expressaram com desenvoltura ao falar sobre a atividade”.



À esquerda, a professora Otília Paques exibe boné confeccionado pelos alunos nas escolas da D.E. de Miracatu; seus conceitos foram acompanhados atentamente pelos professores da região (acima)

A responsável pela novidade que cativou professores e alunos de Miracatu foi Otília Paques, docente do Instituto de Matemática, Estatística e Computação da Unicamp. A professora chegou ao desafio depois de ler duas linhas de um enunciado que estava num manual de uma marca de calculadora... A idéia, somada à experiência de Otília, tornou bem mais digerível o aprendizado da disciplina mais temida pelos alunos. “A Matemática não é uma coisa seca”, ensina a docente, que defende que o aluno deve ser cativado.

“Tem que existir uma relação afetiva. Depois que o aluno é conquistado, fica muito mais fácil ensinar”, aconselha. Na opinião da docente, a amizade está em primeiro plano. Uma vez estabelecido o vínculo, vem o ensino. “Felizmente, a educação é feita de pessoas e não de prédios e computadores. É preciso criar laços”.

Fotos: Dário Crispim







CIDADES

Campos do Jordão, Pindamonhangaba, Santo Antonio do Pinhal, São Bento do Sapucaí e Tremembé

CURSOS

História e Geografia

46 professores
capacitados

62 escolas
participantes

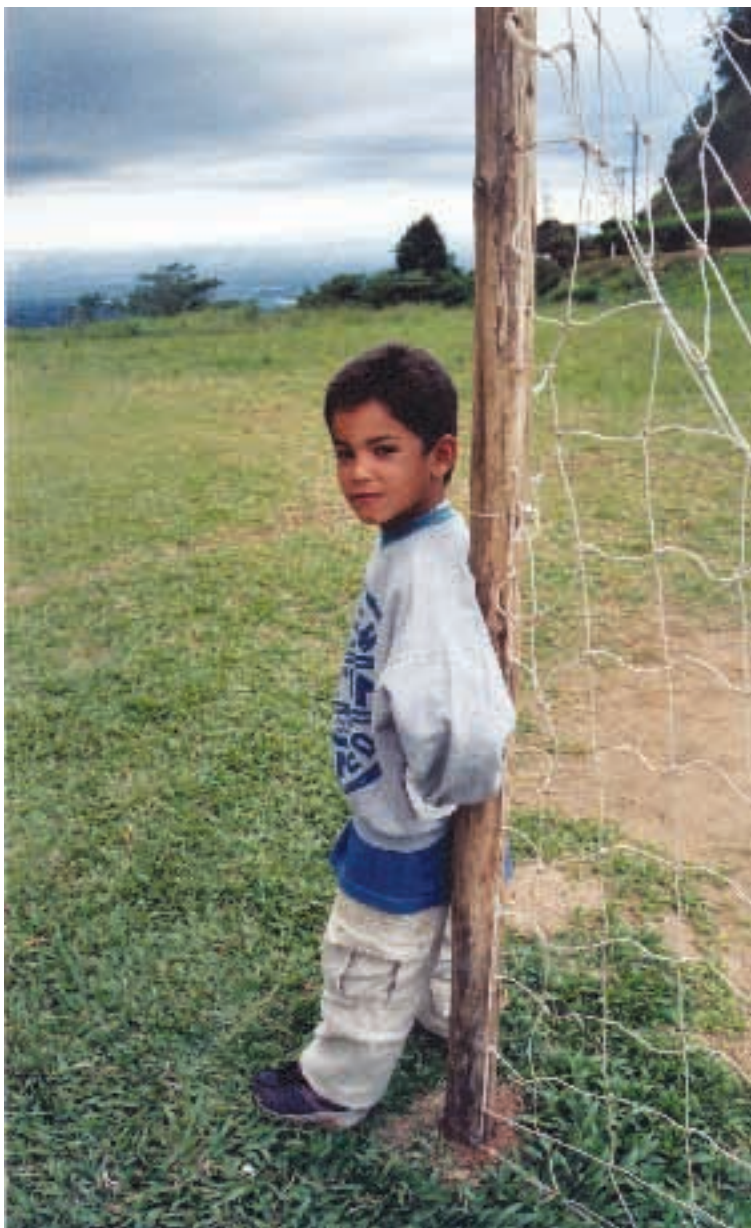
160 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004





Fim de tarde em bairro da zona rural de Santo Antonio do Pinhal



À esquerda, garoto em campo de futebol de Santo Antonio do Pinhal; acima, a professora Maria José Dias de Oliveira conversa com alunos da E.E. Genésio Cândido Pereira, em São Bento do Sapucaí



PRESENTE

A dirigente Gicele de Paiva Giudice sempre trabalhou nos bastidores da educação. Ficou pouco tempo em sala de aula – cerca de quatro anos como professora de Inglês. A experiência de nove anos acumulada no Departamento Jurídico permite que as questões burocráticas da Teia do Saber sejam sanadas rapidamente. “O olhar pelo foco da legislação é algo que facilita o exercício da função de dirigente”. O perfil diversificado de Gicele – também cursou Direito – garante uma visão ampliada do que representa o programa para a rede de ensino. “Foi colocado um caminho diante do professor para que ele tenha um leque de opções. Trata-se de uma herança que ninguém poderá tirar dele”.

O aspecto positivo ressaltado pela dirigente é o fato de receber a Unicamp na cidade. Uma das dificuldades encontradas no Vale do Paraíba é a falta de faculdades que pudessem atender a demanda dos cursos de História e Geografia. “A Unicamp foi um presente. Antes, os professores precisavam se deslocar para outras cidades na serra, e isto dificultava o processo de formação”.



HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Os heróis descritos nos livros de História não são “prontos e acabados”. Muitas teorias ficaram obsoletas ou precisaram ser reavaliadas com a difusão do conhecimento propiciada pelo mundo globalizado. Essa releitura histórica foi um dos pontos positivos da Teia do Saber, na opinião da supervisora de ensino na região de Pindamonhangaba, Beth Cursino. “Nada melhor do que o contato com as pesquisas da academia. Essa atualização é o maior ganho”.

Beth pondera que muitos professores se isolam ou optam pelo comodismo em função de suas atividades e da carga horária. Nesse âmbito, diz a supervisora, a mudança de mentalidade pode ser observada nas conversas entre os professores. “Alguns já me disseram que vão cursar pós-graduação na Unicamp. Outros se perguntam: ‘se pesquisadores tão jovens já desenvolvem trabalhos consolidados, por que não nós?’”.



A VOCAÇÃO

Os pesquisadores da Unicamp levaram para a Teia do Saber a informação já estruturada, revisada e com valor científico. A opinião é de Helder Clementino Lima Silva, gestor do projeto na D.E. de Pindamonhangaba, que atua na rede de ensino há 17 anos. Silva destaca que os professores passaram a receber informações sob uma nova perspectiva histórica.

Cita como exemplo o próprio Vale do Paraíba, região cuja vocação foi se transformando ao longo da história – da cafeicultura, passando pela indústria até chegar aos dias de hoje, nos quais o turismo emerge como força. “Às vezes é preciso que alguém de fora nos diga que temos um patrimônio histórico que não é trabalhado no cotidiano”. Esse novo olhar já gera novas demandas. Uma aula sobre o Barroco, por exemplo, despertou nos professores da rede o desejo de visitar as cidades históricas de Minas Gerais.



ATUALIZAÇÃO

Vera Lúcia Santos Marcondes Leite, professora de História da E.E. Deputado Claro César, em Pindamonhangaba, quer conhecer a Unicamp. O contato com os pesquisadores da Universidade na Teia do Saber aguçou sua curiosidade sobre as recentes pesquisas de sua área. As aulas que trataram de quilombos e da questão ambiental, por exemplo, chamaram a atenção da professora. “Foi enriquecedor. Esse é o momento de o professor se atualizar”.



REVELAÇÃO

Regina Célia Bertolino Muniz, assistente técnico pedagógico de História, considerou uma “revelação” a atuação dos professores da Unicamp na Teia do Saber. “Conhecemos conceitos que derrubaram coisas que antes eram vistas como verdade absoluta”.



COM A MOÇADA

“ Dou aulas há cinco anos, depois de trabalhar numa agência paulistana do Banco do Brasil durante 20 anos. Busquei um lugar longe da violência urbana, até encontrar Santo Antonio do Pinhal, cidade muito sossegada, com oito mil habitantes. Diferentemente de São Paulo, onde as opções culturais são muitas, aqui não contamos com cinema ou livreria; é preciso adaptar-se ou se deslocar até Taubaté e São José dos Campos.

Fui tesoureiro do Sindicato dos Bancários e cheguei em Santo Antonio disposto a não me envolver mais com a política. Não consegui, acabei me elegendo vereador. Por quê? Para trabalhar a questão da juventude, que anda ociosa, sem perspectiva, sem referência. Estou com a moçada.

Os cursos da Teia do Saber são muito bons. É muito interessante ter a oportunidade de trabalhar com pesquisadores de ponta. Não temos oportunidade de aprofundar os estudos porque ficamos presos ao dia-a-dia e aos livros didáticos, o que faz com que passemos a enxergar as coisas de uma forma definitiva.

Com a Teia do Saber, constatamos que muito está por estudar. O aluno precisa ter dúvidas, precisa pesquisar por conta própria, até mesmo para entender a realidade em que vive. A nossa realidade não está fechada, tudo está em aberto. É um dos ganhos do curso. ”

João Manuel Lourenço Pereira, professor de História da E.E. Desembargador Affonso de Carvalho, em Santo Antonio do Pinhal





UMA (BELA) HISTÓRIA

Maria José Dias de Oliveira dedicou 46 dos seus 64 anos ao magistério. Andou a cavalo, percorreu trilhas a pé, recorreu a charretes. Tudo para chegar às escolas da zona rural de São Bento do Sapucaí, onde construiu sua carreira. Criou dois filhos, mas não os viu crescer por falta de tempo para os afazeres domésticos, tamanha a entrega às coisas do ensino – costuma dizer que viveu uma época em que professor fazia as vezes de médico, farmacêutico, conselheiro. Os filhos lhe deram quatro netos; a mãe, de 94 anos, está sob seus cuidados.

Mas Maria José, hoje professora da E.E. Dr. Genésio Cândido Pereira, está muito longe de deixar o giz e a lousa de lado, mesmo aposentada desde 1989. Entre os seus planos, está a matrícula num curso de pós-graduação. Não é por falta de diploma. Dona Zezé, como é conhecida em São Bento do Sapucaí, cursou Pedagogia, Estudos Sociais (ambos na época da ditadura), História (“na chegada da democracia”) e Geografia, este último completado no ano passado.

A passagem da Teia do Saber pela região reforçou suas convicções sobre a busca do novo. Maria José não tem saudade nenhuma das fórmulas impostas pelo andar de cima do ensino – sucessivos governos que faziam do livro didático uma cartilha que devia ser seguida à risca por anos. Cursos de atualização e liberdade de ação eram artigos de luxo, lembra a professora, para quem os alunos das décadas de 70 e 80 eram pouco questionadores.

Maria José sabe que os tempos são outros. Os estudantes estão cada mais exigentes e bem-informados. Por isso, não deixou escapar a oportunidade de colocar na bagagem de sua longa trajetória os conhecimentos adquiridos na atualização. Os tempos do cavalo ficaram para trás. Mas a vontade de dar “uma aula bonita” foi mantida.



Zona rural de Pindamonhangaba, em paisagem típica do Vale do Paraíba

ALDEIAS E QUILOMBOS

Aline Vieira de Carvalho e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes se casaram num sábado. Uma semana depois, ambos participavam da Teia do Saber na condição de professores. Doutorandos em História na Unicamp, atuaram em Pindamonhangaba e em Campinas. Fernandes quer passar um tempo no México para aprofundar suas pesquisas sobre a História da América, seu objeto de estudo. Já Aline desenvolve pesquisas sobre quilombos.



“ Existe uma série de preconceitos com relação aos indígenas no Brasil. A visão dos índios ensinada na escola está mais para o carnaval. A imagem passada é abstrata, mas os problemas são concretos: demarcação de terras, garimpos ilegais, doenças. Se o sujeito come com as mãos, logo é chamado pejorativamente de índio. Eles são vistos como selvagens, como se pertencessem a uma cultura estática. A sala de aula é um espaço para mostrar a importância do respeito e da tolerância. ”

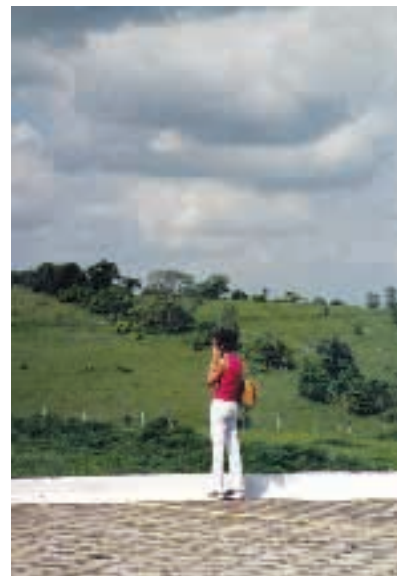
Luiz Estevam de Oliveira Fernandes



“ Cada autor vai construir um Quilombo dos Palmares diferente. Alguns, por exemplo, vão valorizar a resistência negra. Já na década de 30, falava-se sobre a inferioridade negra. A visão vai mudando de acordo com o contexto histórico e com as experiências do autor. Isso é muito interessante porque não existe o Quilombo dos Palmares, você vai ter várias visões. É legal mostrar isso em sala de aula porque derruba essa visão de que o livro traz uma verdade, de que o livro é inquestionável. ”

Aline Vieira de Carvalho





Diretoria de Ensino de Piracicaba



CIDADES

Águas de São Pedro, Charqueada, Piracicaba, Saltinho, Santa Maria da Serra e São Pedro

CURSOS

Física/Química e Biologia, Língua Portuguesa/ Literatura, História e Geografia

180 professores
capacitados

61 escolas
participantes

560 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



O Rio Piracicaba corta a região central da cidade; na página anterior, no sentido horário, pedestres caminham em ponte, fachada da E.E. Sud Menucci e pôr-do-sol visto da Rua do Porto



À esquerda e acima, professores participam de curso de capacitação da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP/Unicamp)

SEMEANDO

Para Oldack Chaves, ser dirigente de ensino de Piracicaba é a realização de um sonho. “Sou um apaixonado pela educação”. Chaves trabalhou como professor de Biologia durante duas décadas em São Paulo, até estabelecer-se no interior. Tem uma afinidade muito grande com a cidade que o acolheu. “Temos até escolas situadas em praça pública, sem muro ou cerca. Ninguém picha ou depreda”.

Para o dirigente, os professores da rede sempre quiseram fazer cursos de capacitação, mas faltava estímulo. A Teia do Saber veio preencher esta lacuna, cumprindo a missão de aproximar os professores da universidade. Chaves abraçou a oportunidade assim que ela surgiu, montando turmas aos sábados e durante a semana. O dirigente se orgulha de não ter havido nenhuma desistência. E já faz planos para o pomar que pretende formar em frente ao prédio onde funciona a Diretoria de Ensino.





SOMATÓRIA DE ESTÍMULOS

“ As coisas têm sido muito favoráveis, a começar do fato de os professores terem acreditado na Teia do Saber. Em 2003, pairavam algumas dúvidas. Muitos participantes achavam que o projeto não iria adiante, mas logo perceberam que a realidade era outra, já que tivemos outra edição em 2004 e, neste ano, teremos novamente.

A Teia do Saber, na verdade, tem um leque muito grande de atividades e oportunidades. Ao mesmo tempo em que o professor está sendo capacitado, se ele souber trabalhar bem neste curso, poderá vir a ser contemplado com uma bolsa-mestrado, oferecida pela Secretaria de Educação. Caso apresente um bom projeto a um docente da Unicamp, o professor efetivo pode, no futuro, ingressar na pós-graduação da Universidade e ser orientado por ele. Trata-se, portanto, de uma somatória de estímulos.

Foi aberto um canal com a Universidade, no caso a Unicamp. Os professores estão gostando muito. Um exemplo foi o curso oferecido na área de Língua Portuguesa e Literatura, ministrado pelo professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel, cujos livros eram conhecidos por muitos professores. De repente, estes mesmos professores passaram a ter aula com Berriel. O pessoal, além de gostar, ficou muito motivado. A mesma coisa ocorreu na área de História.

Os textos foram trabalhados de uma forma inovadora e diferente na sala de aula. O mais interessante é que os professores passaram a refletir sobre seu trabalho. O conteúdo e a cidadania começaram a ser mais valorizados.”

João Gambaro, gestor da Teia do Saber



Acima e à direita, aulas na FOP



Estudantes durante intervalo na E.E. Sud Menucci





APRENDIZADO

Uma imagem marcou a passagem de Eliane Moura, docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), na Teia do Saber: a dos tempos em que ela era professora da rede estadual de ensino. “Era difícil dar aula. Freud já dizia que uma das três profissões impossíveis era a de professor”. Eliane quer continuar a atuar na Teia, até por saber que “o cotidiano muitas vezes impede o professor de refletir e de rever suas posições”.

Sua maior preocupação é transformar a informação em um conhecimento que possa ser aplicado em sala de aula. Nesse âmbito, o professor passa a ser o mediador cultural. E a inserção da Unicamp neste universo? “É importante para os professores da rede. E, para nós da academia, um superaprendizado”.



UMA AULA

O poder transformador da literatura é uma das ferramentas da professora Maria Aparecida Scalise, da E.E. Sud Mennucci. Conceitos recebidos na Teia do Saber vêm sendo repassados na sala de aula, principalmente por meio da leitura de contos. Um deles, “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles, deixou os alunos emocionados.

Maria Aparecida não tem dúvida de que a interpretação de um texto literário tem o poder de fazer mudar a visão de mundo dos alunos. Faz lembrar que é possível enxergar as coisas sob a perspectiva da poesia, da beleza. E os alunos, o que pensam? A maioria, garante Maria Aparecida, hoje prefere a análise de um texto à simples cópia de algo escrito na lousa. A emoção pode mudar muita coisa. E fazer refletir.





Diretoria de Ensino de Sertãozinho



CIDADES

Barrinha, Dumont, Jardinópolis, Pontal, Pitangueiras, Sertãozinho, Terra Roxa e Viradouro

CURSOS

História/Geografia e Matemática

58 professores
capacitados

29 escolas
participantes

160 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Anfiteatro do Ensino Fundamental Mohamed Abbes Sobrinho, em Terra Roxa; na página anterior, ensaio da fanfarra da E.E. Isaías José Ferreira, em Cruz das Posses, distrito de Sertãozinho



ALUNO LEITOR

A dirigente de ensino de Sertãozinho, Teresa Aparecida Dancini, tem a radiografia completa de todas as escolas sob sua alçada. Sabe de suas necessidades e, conseqüentemente, do fosso social produzido pela monocultura da cana. De um lado, grandes usinas; de outro, uma mão-de-obra de baixo poder aquisitivo, boa parte dela matriculada na rede de ensino. Reside aí a importância de um projeto como a Teia do Saber.

“O ideal é que todos os professores passem pelo programa de formação continuada”, defende a dirigente, que chegou a promover três pregões sem que aparecessem interessados. “Ficamos sabendo que a Unicamp tinha interesse e conseguimos o contrato”, lembra. Foi aí que as coisas começaram a mudar. “Temos que suprir a falta de acesso à cultura. É difícil formar o aluno leitor. Muitos dos nossos professores não têm sequer acesso à leitura. O contato com a universidade, principalmente a Unicamp, é muito importante”.



NA FONTE

Ângela Maria Toniollo Sarni, gestora da Teia do Saber, já sente os primeiros efeitos da passagem do programa por Sertãozinho. “Os conceitos já estão sendo aplicados em sala de aula. No geral, os resultados estão sendo muito bons”, avalia a professora, que ouve relatos de colegas que ficaram entusiasmados com os cursos. “Muitos perceberam que não tinham como continuar os estudos e foram beber na fonte. Isso é uma mostra de que eles querem realmente aprender com os cursos de formação continuada”.



EM CIMA DO FATO

Evandro Domingues, doutorando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, está em cima dos fatos. O uso político da intolerância religiosa, assunto mais que recorrente nos dias de hoje, foi o tema de seu curso na Teia do Saber. Domingues levou na bagagem novas informações sobre a Inquisição no Brasil, com a vantagem de, na condição de doutorando, ter pesquisado sobre o assunto em Portugal. “Os professores estão bastante interessados porque o tema vem muito defasado nos livros didáticos. São informações novas”.



Vista parcial do centro de Sertãozinho





OUTRAS CORES

André Aparecido Cristino, matriculado no ano passado no 3º ano do Ensino Médio da E.E. Isaías José Ferreira, em Cruz das Posses, distrito de Sertãozinho, gosta de pintar. Filho de cortadores de cana, aos 19 anos enfrenta problemas comuns a milhares de jovens da região, de acordo com os relatos feitos por dirigentes e professores.

O que você faz?

André – Estou só estudando, no momento.

Não precisa trabalhar?

André – Por enquanto, não. Meus pais trabalham numa usina como cortadores de cana. Minha mãe tem 37 anos e meu padastro, 30.

Eles sabem que você tem o dom da pintura?

André – Sabem e me incentivam muito. Vou terminar os estudos este ano (2004) e tentar um serviço melhor... Se não conseguir, vou ter que ir para a roça.

Quanto tempo mais você vai esperar por uma chance de mostrar seu talento?

André – Só mais um pouco. Se não der certo...

Qual o seu sonho?

André – Me dedicar à pintura, ter a oportunidade de cursar uma escola de artes. Enquanto isso não se realiza, venho aqui na escola aos sábados.

Quem fornece o material?

André – O professor Antonio Carlos de Oliveira, coordenador do projeto Escola da Família. Ele consegue com os empresários. Se não fossem eles, eu não estaria pintando agora. Eles me incentivam bastante.

Alguém mais trabalha na sua família?

André – Tenho dois irmãos, um mais velho e um mais novo. O mais velho, que tem 20 anos, já trabalha na lavoura também. Ele desenha muito bem.

Você não pretende mudar de cidade, para tentar outra atividade?

André – Penso sempre nisso, mas deixar minha mãe aqui... Agora que ela conseguiu uma casinha da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano), daqui não sai mais. Mas, seu eu tiver oportunidade...



A MISSÃO

Grávida de seis meses, a professora Fernanda Aparecida Bernardo de Souza não mediu esforços para dar aulas no distrito de Cruz das Posses, em Sertãozinho. Na estrada, por exemplo, ficou várias vezes de frente com o perigo – por conta de duas usinas locais, o tráfego de caminhões é intenso. Mas enfrenta os perigos para dar aulas na E.E. Isaias José Ferreira. “Cheguei a chorar quando deparei com as necessidades dos alunos. Muitos me mostravam as mãos rachadas, reclamavam de muito sono”.

Os estudantes de Cruz das Posses correspondem aos desafios. “Eles querem aprender”, atesta Fernanda. Para estimular ainda mais os estudantes no aprendizado, os professores da escola se juntam para dar aulas de reforço para aqueles que têm dificuldades. A missão de Fernanda vai além de ensinar Matemática. Ela também organiza bazares e festas na escola, para conseguir a compra de material. A sala de vídeo, por exemplo, foi totalmente equipada, graças ao dinheiro arrecadado.

O esforço para minimizar os problemas enfrentados em Cruz das Posses não é empecilho para Fernanda frequentar as aulas da Teia do Saber. “Gosto muito do Programa. É justamente o que precisávamos. Mostra outros caminhos, e nosso aluno precisa de um professor preparado”, afirma.



RENOVAÇÃO

“ Gosto muito da Teia do Saber, um projeto que investe na renovação de idéias, no qual novas formas de didática estão sendo passadas. Isso é bom para podermos diversificar. A linguagem é fácil e, coincidentemente, o que estamos tratando são os conteúdos do programa do semestre na escola. Os docentes nos instigam a trazer algo novo para a sala de aula.

Nossa região historicamente é bastante rica e abrigou vários ciclos econômicos, como o da cana. Já foi do café. Falamos muito sobre isso porque está perto da realidade deles.

A educação para mim não está relacionada apenas à transmissão de conteúdos. É preciso proporcionar aos alunos meios de buscar cada vez mais, lutar para alcançar seus objetivos. O que é necessário para a educação melhorar? O problema não está na escola, está na sociedade, na família. Nós paramos, ouvimos, conversamos,ouxamos a orelha quando é preciso. Mas é necessário apoio e maior participação da família. É preciso ter senso de responsabilidade.

A maioria das famílias entrega os filhos à escola, e a escola tem que resolver os problemas. Não temos psicólogos e, neste ponto, fica ainda mais complicado. Fazemos pequenos vídeos de todo trabalho do ano e apresentamos aos pais para terem participação. O trabalho é árduo, mas temos que dividir. ”

Josilda Olandim Ribeiro, professora da E.E. Isaías José Ferreira, distrito de Cruz das Posses, em Sertãozinho



MADRUGADA ADENTRO

Gleidson Campos dos Santos, 19 anos, não desiste dos seus sonhos. Cursar um colégio técnico para ter um emprego melhor está entre os seus desejos. Talvez ser policial, uma profissão que defendesse a lei. É cortador de cana e está finalizando o Ensino Médio na E.E. Isaías José Ferreira. As condições de emprego na região não permitem, no entanto, que Gleidson continue a sonhar. “Os cursos são caros e distantes da minha casa”. O jovem estudante tem outros impedimentos: tem uma filha de cinco meses. Casado com Daniela, que está prestes a concluir o Ensino Médio, reveza-se com a esposa para cuidar do bebê.

Para poder freqüentar as aulas no período matutino, Gleidson atravessa a madrugada no corte da cana. Vive assustado com o fantasma da mecanização, processo irreversível na região, onde as máquinas de última geração tomam, a cada dia, o espaço dos trabalhadores. “Mesmo assim, não posso reclamar. Não é ruim aqui na usina, foi difícil conseguir emprego. É uma das mais procuradas porque dá oportunidade, cesta básica e fraldas para o bebê”.



Trabalhadores rurais em Cruz das Posses, distrito de Sertãozinho







Diretoria de Ensino de Sumaré



CIDADES

Hortolândia, Paulínia e Sumaré

CURSOS

Física/Química e Biologia, Matemática, Geografia/História,
Ler para Aprender e Língua Portuguesa/Literatura



606 professores capacitados **64** escolas participantes **1.680** horas/aula

Números referentes aos anos de 2003 e 2004



Professores da rede pública participam de atividades da Teia do Saber



AVANÇO

A dirigente de ensino de Sumaré, Nemésis Divina Brandão Vieira, tem algumas convicções construídas em 30 anos de educação: não gosta de papelada, de relatórios, e costuma frequentar as escolas sob sua responsabilidade aos finais de semana. A dirigente orgulha-se dos projetos tocados na sua gestão. Um deles, um jornal de 16 páginas sobre inclusão social, traz os resultados do programa Escola da Família, que fez inclusive a violência diminuir na região. Lembra também que muitos dos quase 70 mil alunos matriculados na rede estadual de ensino contam hoje com o acompanhamento de uma psicóloga voluntária.

Nemésis acredita que a Teia do Saber é um grande avanço. Tanto que pretende fazer com que o projeto seja reconhecido como especialização. “Os professores estão amando. Estamos no caminho certo”.



NOVOS TEMPOS

Elizabeth Rita de Azevedo, gestora da Teia do Saber, comemora os números do projeto em Sumaré: nove turmas e mais de 300 professores participantes. Além de considerar um sucesso a participação da Unicamp, Elizabeth lembra que os professores vêm assimilando as propostas a tal ponto que as mudanças na rede de ensino já são perceptíveis, tanto na sala de aula como na forma de projetos apresentados. O objetivo agora é implementar, na próxima edição da Teia do Saber, cursos mais longos e que propiciem um retorno maior dentro das próprias escolas. “É fundamental, para isso, a intensificação da interação entre a universidade e os estabelecimentos que integram o projeto”.

A gestora lembra que, até há pouco tempo, os professores eram muito acomodados. A busca pela formação continuada e o estreitamento das relações com a Unicamp mudaram essa realidade. “Temos hoje 14 professores que foram contemplados com a bolsa-mestrado, sendo que boa parte deles passou pela Teia em 2003, o que significa um grande avanço”.



RAP

Edson Nunes da Silva, professor de Português da E.E. Yasuo Sasaki, em Hortolândia, acredita que a Teia do Saber está introduzindo novos conceitos e paradigmas no universo do magistério. Para Silva, a maioria dos professores cursou faculdades tradicionais e vêm de uma formação que antecede a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A Teia, na sua opinião, supre parte dessa defasagem. Cita como exemplo as aulas em que, por intermédio de músicas de rap, são feitas análises de textos. “Trata-se de uma nova abordagem, até mais produtiva”, testemunha.



RESSALVA

Leandra de Cássio Valério Chagas, professora de Química da E.E. Padre Narciso, em Paulínia, acredita que a formação continuada da Teia do Saber é muito interessante e de grande valia para o conhecimento dos profissionais. Tanto que pretende mudar a sua maneira de preparar e ministrar as aulas. Apesar da afinidade com o projeto, Leandra faz ressalvas quanto à realidade da rede de ensino, a começar do número de alunos por classe. A professora dá como exemplo prático as aulas que envolvem experimentos. “Na Teia do Saber, passamos cinco horas para fazer um experimento. No primeiro ano do ensino médio, Química é contemplada com apenas uma aula de 50 minutos por semana, ou seja, é praticamente impossível concluir o experimento”.



Alunas ensaiam na E.E. Dr. Honório Fabbri



Livros expostos no IEL/Unicamp



Apresentação de projeto no IEL/Unicamp



LINGUAGEM

O pós-graduando da Unicamp Lucas Sanches Oda trabalha uma nova perspectiva para o ensino de Português. Na Teia do Saber, Oda tenta mostrar que a questão do gênero tem um papel fundamental no ensino de línguas. Assim, a gramática deixa de ocupar o papel principal, até porque, diz, ela já foi bastante discutida e não apresenta hoje resultados consideráveis na leitura e na produção da escrita. “Propomos um tipo de análise lingüística que possibilite o aprofundamento. É importante perceber o que está por trás de um texto, o que o autor quis dizer. São coisas ignoradas na escola, mas que são relevantes para se formar um cidadão consciente”.



APROXIMANDO

Joel Jorge Rosa, professor de Química da E.E. Porphyrio da Paz, em Sumaré, já utiliza em sala de aula os experimentos que aprendeu na edição passada da Teia do Saber. Joel vê na experiência a oportunidade de o aluno aproximar-se das ciências exatas, área considerada “difícil” pela maioria dos jovens. Na opinião do professor, o Estado faz o certo ao capacitar seus colegas num primeiro momento para, depois, numa etapa seguinte, dar melhores condições de trabalho. “É necessário, por exemplo, equipar adequadamente os laboratórios”.

NO SAGUÃO

O professor Sérgio Gama, do Instituto de Física “Gleb Wataghin” da Unicamp, gosta de fazer experimentos. Tanto que um deles foi feito no saguão do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Unicamp. Lá, ele reuniu os professores participantes da Teia do Saber para fazer uma demonstração sobre pressão ambiente.

Gama chegou a construir um prisma usando alho, glicerina, lâminas e cola de silicone. “O tempo foi curto, mas permitiu que tivéssemos abrangência”. O docente acredita que as técnicas experimentais qualificam os professores e dão resultados positivos.







Foto da Capa Alunos em sala de aula da E.E.
Professora Júlia Ribeiro Bretas, no bairro rural do
Encapoeirado, em Apiaí.

Foto da contracapa Criança na E.E. Indígena da
aldeia Uruity, no município de Miracatu

Com exceção das fotos creditadas, todas as imagens são
de autoria de Antônio José Scarpinetti

Esta edição foi composta em caracteres Univers, Futura
Lt BT, Meridien Roman e Trade Gothic, em sistema off-
set, com papel supremo 270 gramas para a capa e papel
couchê fosco 115 gramas para o miolo